



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

MÍSIA CAROLYNE PEREIRA DE MORAIS

**EFEITOS DA CYBER VITIMIZAÇÃO NA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE NÃO HETEROSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS**

JOÃO PESSOA – PB

2022

MÍSIA CAROLYNE PEREIRA DE MORAIS

**EFEITOS DA CYBER VITIMIZAÇÃO NA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE NÃO HETEROSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel

JOÃO PESSOA – PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827e Moraes, Mísia Carlyne Pereira de.

Efeitos da cyber vitimização na saúde mental : um estudo comparativo entre não heterossexuais e heterossexuais / Mísia Carlyne Pereira de Moraes. - João Pessoa, 2022.
103 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Cyberbullying. 2. Cyber vitimização. 3. LGBTQIAP+. 4. Minorias sexuais. 5. Saúde mental. I. Pimentel, Carlos Eduardo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.647.82+004(043)

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e cinco dias do mês de março de dois mil e vinte e dois, de modo remoto pelo Google Meet, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Dissertação da aluna **MÍSIA CAROLYNE PEREIRA DE MORAIS** – mat. 20201013510 (orientando(a), UFPB, CPF: 082.188.074-89). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL** (UFPB, Orientador, CPF: 023.802.314-19), Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS TORRES** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 267.442.364-15) e Prof.^(a) Dr.^(a) **RENAN PEREIRA MONTEIRO** (UFPB, Membro Externo ao Programa, CPF: 022.147.513-35). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **MÍSIA CAROLYNE PEREIRA DE MORAIS** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: “EFEITOS DA CYBER VITIMIZAÇÃO NA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE NÃO HETEROSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS”. Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de “**APROVADO**”, o qual foi proclamado pelo(a) presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Júlio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 25 de março de 2022.



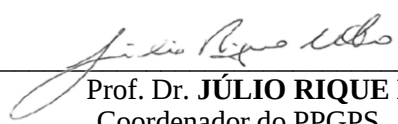
Prof. Dr. **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**



Prof^a Dr^a **ANA RAQUEL ROSAS TORRES**



Prof. Dr. **RENAN PEREIRA MONTEIRO**



Prof. Dr. **JÚLIO RIQUE NETO**
Coordenador do PPGPS

Aos meus pais, Míria e Plínio

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Míria e Plínio, que desde o início da minha graduação, em todos os momentos em que puderam, me ouviram, me incentivaram e me apoiaram nessa caminhada pelos labirintos da ciência e da Psicologia. Aos meus irmãos, Sarah e Plínio Filho, que estiveram presentes para trocar uma ideia, risadas e favores. Ao meu primo-irmão Lucas Abílio que, mesmo de longe, me acompanhou e apoiou desde o início dessa nossa nova fase.

Ao meu amigo Ludwig Leal, parceiro de graduação, extensões, pesquisas, artigos, viagens e vida, que me estendeu a mão e topou mais um desafio sendo minha dupla (no mestrado). A João Pedrosa, por se propor a me ouvir e dançar comigo em todas as oportunidades que teve. A Monique Hellen por simplesmente ser e estar; se fazendo um porto-seguro a quem posso sempre recorrer. A Linnie Emanuelle, que foi e é um abrigo em forma de pessoa, de quem morro de saudades de visitar. A Wesley Manoel que sempre que pode, me acolheu em seu lar e me ofereceu uma palavra amiga. A Flora Albuquerque que nesse último quarto de mestrado fez questão de me ler com cuidado e repetir sempre que iria “dar certo”.

Aos meus professores: Thelma, por ter me inserido dentro da Psicologia Social e Comunitária. Por me ensinar que o fazer em Psicologia é também um fazer político, poético, afetivo e criativo; Josevânia, por ter me iniciado na pesquisa em Psicologia Social e me incentivado a enveredar pela área acadêmica; Carlos Pimentel por ter topado me orientar em uma subárea em que eu não tinha experiência e me apresentar ao mundo quantitativo da Psicologia Social.

Às minhas colegas de laboratório, Isabella, Débora e Ericarla, que viraram amigas e que estiveram sempre a postos para trocar apoio, conhecimento e experiências.

Aos meus colegas de turma, Daniel, Mayara e Taciana com quem pude me conectar em esferas outras que não necessariamente a acadêmica.

Aos meus amigos de longa data Diego, Lindalberto, Larissa, Júlia, Jhamily que durante esse período, sempre que apareceram, foram fontes de inspiração e amor.

*“Guerreiras e guerreiros
Escolas libertárias e terreiros
Amores de todos os tipos
Verdades de todas as cores
Salve, salve nossos ancestrais de espíritos protetores
Coragem, atenção, irmã, irmão
Fé no coração, sempre siga em frente
Respiração profunda oxigena corpo e mente
Esperança renasça como a fênix
Resistência, resistência
Força, sabedoria, inteligência, coletividade
Serenidade em tempos de tempestade
Liberdade sempre
Salve...”*

- BaianaSystem, 2019

EFEITOS DA CYBER VITIMIZAÇÃO NA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE NÃO HETEROSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS

Resumo: Cyberbullying é o termo que vem sendo utilizado para caracterizar agressão intencional e prejudicial que se dá por meio de troca de informação eletrônica. Essa modalidade de violência é direcionada normalmente a pessoas ou grupos que pertencem a algum tipo de minoria, e pode acarretar danos à saúde mental das vítimas. A presente dissertação objetivou, com base na Teoria do Estresse de Minorias, investigar possíveis relações entre cyber vitimização, minorias sexuais e saúde mental. Foi feita uma revisão sistemática da literatura na busca de variáveis que pudessem atuar dentro da relação entre esses três constructos, como mediadoras ou moderadoras. A partir dos resultados da revisão foram criadas hipóteses para dois estudos empíricos. O primeiro estudo foi realizado com 256 participantes, com idade média de 25,92 anos ($DP = 5,19$), e o segundo, com 254 participantes com idade média de 27,56 anos ($DP = 7,56$). Estes primaram por entender, na relação entre cyber vitimização e saúde mental, respectivamente: (1) o papel da autoeficácia em atividade física e do apoio social; e (2) a dependência de smartphones e a frequência do uso de substâncias. Em ambos, foram analisadas diferenças entre heterossexuais e não heterossexuais. Análises de moderação e mediação não demonstraram resultados significados. Por outro lado, no primeiro estudo empírico, uma ANOVA uni fatorial indicou maiores índices de ansiedade entre aqueles que pertenciam ao grupo LGBTQIAP+ [$F(1,254) = 7,08$; $p = 0,01$; $\eta^2 = 0,03$]. O segundo estudo chama atenção para o fato de que, de um modo geral, o grupo LGBTQIAP+ consome, em maior medida, tanto bebida alcoólica, quanto tabaco e maconha. Destaque para o tabaco [$t(254) = 3,90$; $p = 0,00$]. Em vista de sua complexidade e atualidade são necessários novos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Cyberbullying, cyber vitimização, LGBTQIAP+, minorias sexuais, saúde mental.

EFFECTS OF CYBER VICTIMIZATION ON MENTAL HEALTH: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN NON-HETEROSEXUALS AND HETEROSEXUALS

Abstract: Cyberbullying is the term that has been used to characterize intentional and harmful aggression that occurs through the exchange of electronic information. This type of violence is usually directed at people or groups that belong to some type of minority, and can cause damage to the victims' mental health. The present dissertation aimed, based on the Minority Stress Theory, to investigate possible relationships between cyber victimization, sexual minorities and mental health. A systematic review of the literature was carried out in the search for variables that could act within the relationship between these three constructs, as mediators or moderators. Based on the results of the review, hypotheses were created for two empirical studies. The first study was carried out with 256 participants, with a mean age of 25.92 years ($SD = 5.19$), and the second, with 254 participants with a mean age of 27.56 years ($SD = 7.56$). They excelled in understanding the relationship between cyber victimization and mental health, respectively: (1) the role of self-efficacy in physical activity and social support; and (2) smartphone addiction and frequency of substance use. In both, differences between heterosexuals and non-heterosexuals were analyzed. Moderation and mediation analyzes did not show significant results. On the other hand, in the first empirical study, a one-way ANOVA indicated higher rates of anxiety among those belonging to the LGBTQIAP+ group [$F(1,254) = 7.08$; $p = 0.01$; $\eta^2 = 0.03$]. The second study draws attention to the fact that, in general, the LGBTQIAP+ group consumes, to a greater extent, both alcohol, tobacco and marijuana. Emphasis on tobacco [$t(254) = 3.90$; $p = 0.00$]. In view of its complexity and actuality, further studies on the subject are necessary.

Keywords: Cyberbullying, cyber victimization, LGBTQIAP+, sexual minorities, mental health.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
História e teoria.....	12
Cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental.....	16
Atualidade e objetivos.....	20
CAPÍTULO 1: Cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental: uma revisão sistemática da literatura	23
MÉTODO.....	23
Bases de dados e estratégias de busca	24
Critérios de Inclusão e Exclusão.....	24
RESULTADOS	26
Caracterização geral da amostra	26
Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental	31
Um olhar interseccional.....	Error! Bookmark not defined.
Outras associações	32
DISCUSSÃO	34
CAPÍTULO 2: Cyberbullying e minorias sexuais: o efeito do apoio social e da autoeficácia em atividade física na saúde mental das vítimas.....	36
MÉTODO.....	37
Amostra	37
Instrumentos	37
Procedimentos.....	38
Análise de dados	38
RESULTADOS	39
Dados gerais	39
Diferenças e semelhanças entre LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero)	39
Gênero e raça	42
Moderações.....	43
DISCUSSÃO	44
CAPÍTULO 3: Cyberbullying e minorias sexuais: o efeito da dependência por smartphones e uso inadequado de substâncias na tendência ao suicídio.....	48
MÉTODO.....	49
Amostra	49
Instrumentos	49
Procedimentos.....	50
Análise de dados	50

RESULTADOS	51
Dados gerais	51
Diferenças e semelhanças entre LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero)	51
Gênero e raça	56
Mediações.....	57
DISCUSSÃO	61
DISCUSSÃO GERAL	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS.....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de Estresse de Minorias	14
Figura 2 - Diagrama PRISMA	25
Figura 3 - Outras variáveis associadas aos constructos.....	33
Figura 4 - Médias dos grupos referentes aos três afetos negativos	40
Figura 5 - Médias dos grupos referentes aos quatro fatores da EMTS	52
Figura 6 - Dependência de smartphone como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo LGBTQIAP+	58
Figura 7 - Dependência de smartphone como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo heterossexual	59
Figura 8 - Frequência de uso de tabaco e derivados como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo LGBTQIAP+	60
Figura 9 - Frequência de uso de tabaco e derivados como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo heterossexual.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características gerais da amostra	27
Tabela 2 - Testes de correlação de Pearson	41
Tabela 3 – Análise de moderação (grupo LGBTQIAP+)	43
Tabela 4 - Análise de moderação (grupo heterossexual)	43
Tabela 5 - Análise de moderação (grupo LGBTQIAP+).....	44
Tabela 6 - Análise de moderação (grupo heterossexual)	44
Tabela 7 - Testes de correlação de Pearson	53
Tabela 8 - Testes de correlação de Pearson	54
Tabela 9 - Diferenças entre grupos (LGBQTIAP + e Heterossexuais) na frequência do uso de substâncias.....	55

INTRODUÇÃO

História e teoria

No dia 28 de junho de 1969, a comunidade gay de Nova Iorque, reagindo à violência policial constante, deu início à chamada “rebelião de Stonewall”, que é considerada por muitos o início do movimento moderno pelos direitos LGBTQIAP+ (Silva & Jacobo, 2020). Stonewall, bar no qual se deu essa primeira manifestação, pode ser nomeado o ponto de origem espacial desse movimento que se espalhou por todo o globo.

No Brasil, a luta pelos direitos de minorias sexuais tem suas origens nos anos 1970, com a inauguração do Lâmpião de Esquina: jornal mensal, escrito e voltado para o público homossexual. O jornal surge em uma época de epidemia do HIV, em que o preconceito, a violência e a discriminação ganhavam força, bem como a resistência de seguimentos mais conservadores da sociedade. Em reação a essa onda conservadora, surgem organizações como o Grupo de Afirmação Homossexual – Somos (SP) e o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), que junto ao Lâmpião de Esquina podem ser considerados alguns dos primeiros porta-vozes dos direitos sexuais no Brasil (Bortolozzi, 2019; Fonseca & Ribeiro, 2020).

Marco José Duarte, assistente social e membro do Movimento Homossexual Brasileiro, explica em entrevista que, dado o contexto de invisibilidade, marginalização e o efeito da herança do período ditatorial contra manifestações de cunho social, só a partir dos anos 1990 que podem ser observados maior participação de outros grupos nesse movimento, além dos próprios homossexuais. Paulatinamente as lésbicas foram ganhando espaço no panorama político LGBT. Nesse contexto, é válido destacar também o papel central das travestis que, mesmo com poucas lideranças, estiveram muito presentes no enfrentamento à repressão, à violência policial e na organização de eventos e bailes pró-movimento (Lionço et al., 2018).

A gradativa abertura democrática e a criação de projetos governamentais que objetivavam o combate à epidemia, como o Programa Nacional DST/Aids (CN – DST/AIDS), nos anos 1990, anunciavam uma maior participação política – mesmo que de forma tímida – e visibilidade da comunidade (Nazaré, 2013). Neste cenário, ONGs como os coletivos Somos, Eros e Libertos – que desde os anos 1970 foram responsáveis por reivindicar direitos e representar os interesses dos homossexuais – tornaram-se agentes notáveis no diálogo com o governo, na proposição de projetos e na busca por financiamento (Gimenez, 2015).

A partir dos anos 2000, os frutos advindos de mais de 20 anos de reivindicação começam a ser colhidos de forma mais concreta. Em 2004, o programa Brasil Sem Homofobia foi implementado. A proposta era a de se fazer um trabalho intersetorial de forma a promover cidadania para gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais a partir da promoção de direitos e combate à violência. Mais adiante, em 2008, foi realizada em Brasília a primeira Conferência Nacional LGBT, que contou com uma série de outras reuniões regionais e estaduais, e mais de 10 mil participantes. O Brasil foi pioneiro em eventos desse porte e natureza (Facchini & França, 2009).

Apesar dos avanços, e da maior circulação da temática, em 2020, o Brasil foi o país que mais matou pessoas trans e travestis no mundo (Nações Unidas Brasil, 2021). A LGBTfobia se mostra tanto de um modo mais sutil e velado quanto numa configuração mais agressiva e gritante, indo da esfera individual e se apresentando de maneira estrutural e institucionalizada em nossa cultura. Esse tipo de violência pode ser tanto física, quanto psicológica, sendo esta última forma a mais comum (Gomes et al. 2021).

A saúde mental da população LGBTQIAP+ acaba se tornando um tema caro, diante de todas as adversidades que um indivíduo pertencente ao grupo pode enfrentar. Ilan Meyer,

pesquisador e criador do modelo do Estresse de Minorias, ao abordar o assunto, argumenta que as minorias sexuais estão expostas a estresses específicos e que o fato de estarem mais vulneráveis faz com que apresentem mais queixas de problemas na saúde mental quando comparadas à grupos não minoritários (Meyer, 2003).

Meyer (2003) explica que tanto fatores ambientais (ou distais) – como discriminação e preconceito – quanto fatores individuais (ou proximais), como a homofobia internalizada e a expectativa de rejeição, são relevantes nessa equação. Outros elementos a serem levados em conta seriam os estilos de *coping*, que corresponderiam ao modo como o indivíduo reage às adversidades e o próprio apoio social (familiar, na escola ou em outras instituições). A associação entre esses e outros elementos desaguaria na apresentação ou não de queixas de saúde mental em minorias sexuais. Os detalhes do Modelo do Estresse de Minorias podem ser mais bem observados na Figura 1:

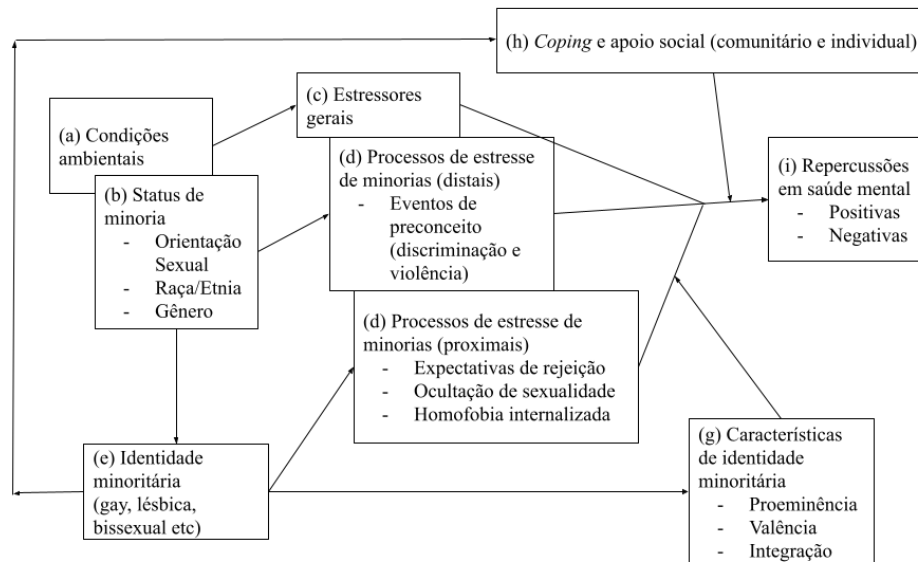


Figura 1 - Modelo de Estresse de Minorias

Estudos recentes, com base nesse modelo, já trazem análises complexas sobre a relação de elementos como gênero, sexualidade, “saída do armário”, homofobia internalizada e experiências de cyber vitimização, e como estas podem impactar de forma negativa ou

positiva na saúde mental dos envolvidos. Cerqueira-Santos et al. (2020), ao pesquisar sobre preconceito e saúde mental, em uma amostra de jovens universitários, percebeu piores indicadores de saúde mental entre participantes do sexo masculino e não heterossexuais, quando comparados aos heterossexuais. Paveltchuk et al. (2020) encontraram uma relação negativa e significativa entre “saída do armário” e escores ligados à psicopatologia.

Sun et al. (2020), em pesquisa qualitativa, ao entrevistar homens gays – também com base no Modelo de Estresse de Minorias –, destaca como elementos culturais, sociais e a forma como esses indivíduos se veem causam impacto em seus quadros de saúde mental. Por outro lado, também são apontadas estratégias de *coping*, que podem ajudar no bem-estar desses sujeitos. No geral, estar ou não “dentro do armário”, performar ou não uma masculinidade que é colocada como ideal, ter ou não apoio da comunidade, são apontados como elementos que têm influência na saúde psicológica dos respondentes.

Ao observar os resultados obtidos a partir de uma revisão sistemática e de metanálise, com base em estudos que levam em conta a teoria de Pellicane et al. (2022), confirmam uma associação entre processos de estresse em minorias e queixas de saúde mental. As análises feitas demonstram especificamente uma associação positiva e significativa entre expectativas de rejeição, transfobia, ocultação de sexualidade e depressão, ideações e tentativas de suicídio.

Wolford-Clevenger et al. (2021), ao discorrer sobre o uso de drogas por parte de pessoas transsexuais ou gênero diverso, chega à conclusão de que fatores distais (não proximais) como discriminação, violência e rejeição têm grande influência nessa dinâmica. Esse estudo em particular é importante na medida em que chama atenção para o grupo mais marginalizado da sigla LGBTQIAP+. Resultados como estes confirmam a validade e a

relevância do modelo, mas atestam também a necessidade de novos estudos que o levem em conta.

Cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental

Ainda com o Modelo de Estresse de Minorias em mente, deve-se ressaltar que violências de tipos diversos estão associadas a prejuízos de saúde mental. Estudos discutem e correlacionam episódios de racismo, violência de gênero e homofobia a piores indicadores no que concerne a ansiedade e depressão, por exemplo, e assinalam a necessidade de serviços e intervenções voltadas para prevenção e tratamento dessas demandas que são, de fato, um problema de saúde pública (Barbosa & Medeiros, 2018; Lee et al. 2021; Medeiros & Zanello, 2018).

Cabe sublinhar que, com o avanço das tecnologias e a emergência de novas formas de comunicação, surgem também novas formas de violência e agressão. Entre esses novos mecanismos, pelos quais os preconceitos citados anteriormente se manifestam, destaca-se o cyberbullying, que pode ser colocado como um estressor dentro do modelo de Meyer e associado a queixas de prejuízo à saúde mental. Nesse *hall* de sintomas estão a depressão, o estresse pós-traumático, a automutilação, entre tantos outros Eyuboglu et al., 2020; (Liu et al., 2020).

O cyberbullying pode ser conceituado como uma agressão de cunho repetitivo, intencional e prejudicial, que acontece por meio de dispositivos tecnológicos e se direciona a um indivíduo ou grupo específico. A cyber agressão se diferencia do bullying tradicional não só por acontecer em território virtual, e consequentemente ser uma agressão não necessariamente física, mas pela possível percepção de anonimato por parte do agressor. Acrescenta-se a isso a possibilidade de exposição a uma plateia de proporções colossais, dada

a facilidade de difusão de informação na internet (Brown et al., 2019; Englander et al., 2018; Tokunaga, 2010).

Quando se fala em cyberbullying, o modelo de Barlett-Gentile é considerado único, por ser voltado especificamente para esse fenômeno, diferenciando-o do bullying tradicional. São quatro os principais elementos do modelo de Barlett-Gentile. Os dois primeiros, a percepção de anonimato (já citado anteriormente) e a crença na irrelevância da força física no ambiente virtual (BI-MOB), são colocados como variáveis que predizem o comportamento de cyberbullying (terceiro elemento); que por sua vez prediz a cyber agressão que é o quarto elemento desse modelo (Barlett, 2019).

A cyber agressão se dá por motivos de vingança, retaliação ou por razões instrumentais: de afiliação e de poder. Em outras situações é colocada como uma “brincadeira” ou uma “fuga ao tédio”, podendo ter elementos afetivos como raiva, inveja, falta de respeito (Caetano et al., 2017), ocorrendo em contextos vários e independentemente da idade. Em quaisquer dos casos, deixam suas marcas. Souza et al. (2016), por exemplo, ao pesquisarem sobre o fenômeno com uma população universitária de portugueses e brasileiros, salientam que 40% dos participantes responderam que já sofreram cyberbullying.

Apesar da variedade de motivos pelos quais a cyber agressão acontece, pertencer a minorias sexuais é apontado como um fator de maior risco à cyber vitimização. Estudos que comparam participantes pertencentes a minorias sexuais com participantes heterossexuais concluem que o primeiro grupo tende a relatar maior frequência de vitimização por cyberbullying, seja recente ou não (Feinstein et al., 2019; Garaigordobil & Larrain, 2020). Indo além, Abreu e Kenhny (2018), em revisão da literatura que aborda o cyberbullying e a juventude LGBTQIAP+, quando falam sobre possíveis correlações e impactos da cyber agressão em minorias sexuais, colocam três categorias: impactos comportamentais,

acadêmicos e psicoemocionais. Esta categorização aponta para a complexidade do fenômeno do cyberbullying homofóbico.

Focando especificamente nos problemas psicológicos e emocionais, fica mais uma vez evidente a influência do cyberbullying na saúde mental das vítimas. Nesse ponto, é válido falar também sobre o conceito de saúde mental, que a Organização Mundial da Saúde coloca como a habilidade que os indivíduos têm para lidar com os estresses do dia a dia, manter sua produtividade e contribuir para o crescimento da comunidade. Essa forma de entender e conceituar saúde mental vai de encontro a percepções biomédicas pautadas em pensamentos dicotômicos que a colocam simplesmente como uma ausência de doença (Gaino et al., 2018).

Muito mais que uma simples ausência de perturbações psicológicas e mentais, já é possível comprovar que a saúde mental é resultado de interações que envolvem questões biológicas, sociais e psicológicas, sendo assim, multidimensional (Alves & Rodrigues, 2010). Os novos paradigmas ligados à saúde mental difundem a ideia desta como uma ferramenta de autonomia que permite que o sujeito possa estar e viver no mundo de modo mais independente. Por conseguinte, a saúde mental estaria inscrita dentro de um contexto social e histórico que reverbera na subjetividade e na individualidade de cada um (Pereira & Vianna, 2013).

Na área de pesquisa, mesmo diante da complexidade e da multidimensionalidade do conceito, existem incontáveis instrumentos que objetivam medir e quantificar certos constructos ligados à saúde mental. A exemplo disto, pode-se citar o DASS-21 que é uma escala que prima pela medição de três dos principais sintomas ligados ao adoecimento mental: estresse, ansiedade e depressão (Apóstolo et al., 2011).

Mais que isso, pesquisadores se propõem a quantificar através de escalas, inventários e outros tipos de instrumentos, transtornos de humor, sintomas obsessivos, psicóticos,

comportamento alimentar, qualidade de vida, bem-estar, dependência de substâncias, dentre tantos outros constructos do âmbito da saúde. A ressalva aqui, diz respeito à necessidade de bom senso tanto na aplicação quanto na interpretação dos resultados, levando em consideração que a quantificação, medida por qualquer instrumento, nunca traduzirá a complexidade de um fenômeno psicológico (Gorenstein et al., 2015).

Atualidade e objetivos

Dado o contexto pandêmico em função do COVID-19, ficam ainda mais evidentes os perigos relacionados ao ambiente virtual, principalmente entre profissionais da educação que têm que adaptar sua prática para essa realidade. Apesar disso, a perpetração massiva de cyberbullying não é uma novidade no Brasil. Em pesquisa feita em 2019, o país ficou em 2º lugar entre as nações que registraram mais casos de cyber agressão entre crianças e adolescente. Também em 2019, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) atestou, em pesquisa com 30 países, que 37% dos entrevistados no Brasil confirmaram terem sido vítimas de cyberbullying (Lago & Motta, 2021).

Notícias que envolvem o assunto têm circulado com mais força na mídia. Chama atenção especial para o caso do filho da cantora paraibana Walkyria Santos. Lucas acabou tirando a própria vida após inúmeros e repetitivos ataques na internet, justificados em função de um vídeo que ele divulgou em uma rede social. Após toda a repercussão do caso, foi sancionada na Paraíba uma Lei (12.031/2021) que cria um programa voltado ao combate do cyberbullying em escolas públicas de ensino fundamental e médio (G1 PB, 2021).

Lucas, que segundo sua mãe já apresentava queixas de problemas de saúde mental, foi vítima de cyberbullying. É significativo, porém, que esses ataques se caracterizavam também como ataques majoritariamente homofóbicos. Nos últimos 20 anos, segundo a CNN Brasil, foram registradas mais de 5 mil mortes por violência contra a comunidade LGBT+ (Niclewicz, 2021). Segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), em pesquisa com apoio da Fundação Ford, só de 2018 para 2021, 51% das pessoas LGBTQIAP+ declararam ter sofrido algum tipo de violência atrelado a sua sexualidade ou identidade de gênero (Fundo Brasil, 2021).

Dados como esses, e a própria escassez de pesquisas científicas no Brasil e na América Latina que enveredem por este caminho, justificam a necessidade de se aprofundar não só no fenômeno do cyberbullying, mas também nas raízes e motivos por trás desse tipo de violência. Indo além, soa indispensável também uma discussão sobre formas de prevenção e tratamento diante das queixas de saúde mental resultantes desse tipo de agressão.

Esse cenário acaba gerando uma série de perguntas que dão origem a este trabalho. Sendo assim, que tipos de associações podem ser encontradas entre a cyber vitimização, a pertença a minorias sexuais e queixas de problemas na saúde mental? Que outros elementos podem participar dessa dinâmica? Com base nessas perguntas, a presente dissertação teve como objetivo principal observar quais as principais correlações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental. Para cumprir essa meta, foi realizada uma revisão sistemática da literatura com enfoque na interseção entre essas três temáticas. Dois outros estudos empíricos e quantitativos se originaram a partir dos resultados dessa revisão sistemática, e também compõem este trabalho.

Entendendo o *coping* como uma estratégia adaptativa ou não adaptativa que visa uma regulação de emoções, cognição ou comportamento diante de adversidades ou ameaças externas (Lazarus & Folkman, 1984; Raskauskas & Huynh, 2015), o primeiro estudo empírico (apresentado no capítulo 2) primou por examinar o papel do apoio social e da autoeficácia da atividade física na dinâmica entre cyber vitimização e saúde mental. E o segundo (apresentado no capítulo 3) teve como meta investigar o papel do uso de substâncias, smartphones e internet dentro da dinâmica entre cyber vitimização e saúde mental.

Em resumo, cada elemento testado como mediador ou moderador nos estudos empíricos foi considerado uma estratégia de *coping* diante de eventos de violência que aqui, correspondem à cyber vitimização. Ambos os estudos visaram fazer uma comparação entre heterossexuais e

não heterossexuais, e foram feitos com base no Modelo de Estresses de Minoria de Meyer, teoria que prevaleceu entre os estudos cooptados na revisão sistemática da literatura.

CAPÍTULO 1: Cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental: uma revisão sistemática da literatura

O objetivo dessa revisão foi entender o que a literatura já diz sobre o assunto e descobrir novas possibilidades de variáveis que possam moderar e mediar as relações entre a vitimização por cyberbullying, pertença a minorias sexuais e a apresentação de problemas de saúde mental. Para deixar mais claro o tipo de variável que buscamos, é válido conceituar a variável moderadora como uma variável que afeta a direção e/ou força da relação entre uma variável independente com uma variável dependente. A variável mediadora, por outro lado, seria uma variável que explica a relação entre uma variável independente e outra dependente. Uma variável entendida como mediadora quando tem uma influência na relação entre a variável dependente e a variável independente de modo a diminuir ou aumentar a magnitude do relacionamento entre estas (Baron & Kenny, 1986; Vieira, 2008).

MÉTODO

Essa revisão seguiu os critérios PRISMA (Moher et al. 2009) para revisões sistemáticas. O PRISMA é uma série de diretrizes que estabelecem os principais itens que devem ser usados em revisões sistemáticas e meta-análises. Uma revisão sistemática que segue os critérios do PRISMA deve ter uma clara pergunta de pesquisa, utilizar um método sistemático para a busca de pesquisas relevantes na área proposta e fornecer uma análise crítica do material. As diretrizes indicam ainda a necessidade de se explicitar possíveis vieses e limitações da revisão.

Bases de dados e estratégias de busca

Foram utilizadas três bases de dados: Scopus, PubMed e PsycINFO. A pesquisa foi feita a partir da combinação dos termos *cyberbullying* ou *cybervictimization* com *sexual minorities*, *LGBT* e *mental health*. Todas as combinações possíveis foram testadas nas três plataformas. Nos mecanismos de busca, foram especificados critérios como idioma, o ano das publicações e que os termos estivessem no título, no resumo ou nas palavras-chave.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídos artigos que: (a) foram publicados entre os anos de 2016 e 2020, e escritos nos idiomas inglês, português ou espanhol; (b) estudos empíricos; (c) que versavam sobre o cyberbullying/bullying online e minorias sexuais, discutindo/citando questões de saúde mental *ou* sobre a relação entre cyberbullying/bullying online e saúde mental e discutindo/citando questões relacionadas a minorias sexuais; (d) foram incluindo ainda artigos que abordavam cyberbullying e minorias sexuais e discutam outras associações que possam ter alguma relação com saúde mental (e.g. uso de substâncias). Foram excluídos (a) os artigos que versavam sobre outros tipos de comportamento violento na internet que não se encaixavam no conceito de cyberbullying (e.g. “sexting”); (b) revisões sistemáticas, teses e dissertações; (c) aqueles artigos que não incluíam a questão das minorias sexuais atrelada ao cyberbullying.

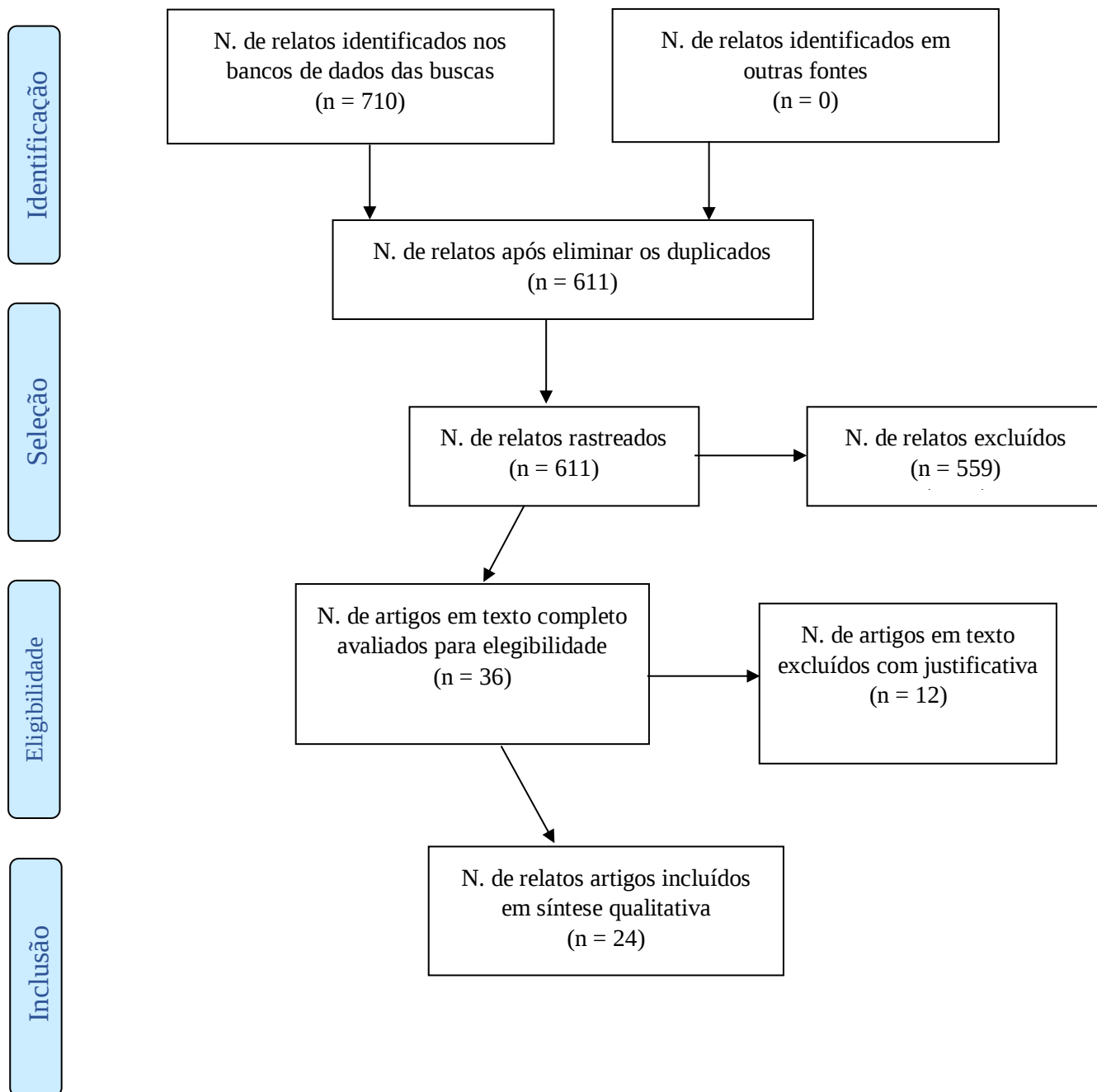


Figura 2 - Diagrama PRISMA

RESULTADOS

Caracterização geral da amostra

Quanto ao processo de seleção dos artigos, dos 710 encontrados originalmente, após a triagem, restaram 24 estudos. A Tabela 1 contém as características gerais dos estudos da amostra. Com base nela, percebe-se que a maioria desses estudos foram conduzidos nos Estados Unidos ($n = 13$) seguidos pela China ($n = 5$) e Israel ($n = 2$). Chama a atenção o fato de que todos os estudos que atendiam os critérios antes descritos são de cunho quantitativo.

Tabela 1 - Características gerais da amostra

<i>Autores (ano)</i>	<i>Título</i>	<i>País</i>	<i>Amostra /idade</i>	<i>Tipo de pesquisa</i>	<i>Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental</i>
Aparicio-García et al. (2018)	Health and Well-Being of Cisgender, Transgender and Non-Binary Young People	Espanha	856 jovens /14-25 anos	Quantitativa	O grupo não-binário foi o que teve maiores riscos de sofrer cyberbullying; transexuais e pessoas não-binárias tiveram escores piores em saúde psicológica e pensam em suicídio com mais frequência quando comparadas a pessoas cis gênero.
Bouris et al. (2016)	Effects of Victimization and Violence on Suicidal Ideation and Behaviors Among Sexual Minority and Heterosexual Adolescents	Estados Unidos	1.907 alunos em escolas públicas/12-18 anos	Quantitativa	Os alunos pertencentes a minorias sexuais relataram mais vitimização (incluindo por bullying eletrônico); alunos de minorias sexuais relataram de modo significativo mais um plano de suicídio (22,78% vs. 12,36%) e pelo menos uma tentativa de suicídio (29,92% vs. 12,43%) no ano passado.
Davis et al. (2018)	Bullying victimization in non-heterosexual university students	Austrália	414 alunos de universidades/ 24-35 anos	Quantitativa	Os participantes que não eram heterossexuais tinham chances significativamente maiores de sofrer bullying (incluindo cyberbullying) do que os participantes heterossexuais; os participantes que foram vitimizados relataram maiores escores de ansiedade, depressão e estresse.
Duarte et al. (2018)	Correlation of Minority Status, Cyberbullying, and Mental Health: A Cross-Sectional Study of 1031 Adolescents	Estados Unidos	1031 adolescentes/ 13-17 anos	Quantitativa	Ser de uma minoria sexual está correlacionado com envolvimento com cyberbullying; ser de uma minoria sexual está correlacionado com experienciar sintomas negativos de saúde mental
Escobar-Viera et al. (2020)	Association Between LGB Sexual Orientation and Depression Mediated by Negative Social Media Experiences: National Survey Study of US Young Adults	Estados Unidos	2408 jovens adultos/ 18-30 anos	Quantitativa	LGB relataram experiências de mídia social significativamente mais negativas nos 12 meses anteriores; a associação da orientação LGB com a depressão pode ter um caminho indireto por meio de experiências negativas nas redes sociais.
Feinstein et al. (2019)	Racial/Ethnic Differences in Mental Health, Substance Use, and Bullying Victimization Among Self-Identified Bisexual High School-Aged Youth	Estados Unidos	19,379 adolescentes/ média de 16,2 anos	Quantitativa	O bullying eletrônico foi significativamente associado a todos os resultados de saúde; As mulheres bissexuais foram as que mais reportaram bullying eletrônico; estas também foram as que tiveram os escores mais negativos em saúde mental;

<i>Autores (ano)</i>	<i>Título</i>	<i>País</i>	<i>Amostra /idade</i>	<i>Tipo de pesquisa</i>	<i>Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental</i>
Garaigordobil & Larrain (2020)	Bullying and cyberbullying in LGBT adolescents: Prevalence and effects on mental health	Espanha	1,748 adolescentes/ 13-17 anos	Quantitativa	A percentagem de vítimas cibernéticas foi significativamente maior no grupo não heterossexual; as vítimas cibernéticas e os agressores cibernéticos não heterossexuais apresentam significativamente mais depressão e mais sintomas psicopatológicos.
Hu et al. (2019)	Quality of life of gay and bisexual men during emerging adulthood in Taiwan: Roles of traditional and cyber harassment victimization	China	305 homens gays e bissexuais/20-25 anos	Quantitativa	30,8% desses homens gays/bissexuais reportaram ter sofrido cyber vitimização; A experiência de assédio cibernético (cyberbullying) foram associados a uma menor qualidade de vida no domínio psicológico.
Kuehn et al. (2019)	Estimating the Magnitude of the Relation between Bullying, E-Bullying, and Suicidal Behaviors among United States Youth	Estados Unidos	15,624 estudantes de escolas/12-18 anos	Quantitativa	As minorias sexuais reportaram mais e-bullying; o bullying eletrônico tem uma associação a tentativas de suicídio; Ser LGBT está diretamente relacionado com tentativas de suicídio assim como e-bullying
Lam et al. (2019)	Cyberbullying and health: A preliminary investigation of the experiences of Canadian gay and bisexual adult men	Canadá	7,430 homens gays e bissexuais/ média de 42,52 anos	Quantitativa	O cyberbullying nos últimos 12 meses foi relatado com mais frequência entre aqueles de 18 a 24 anos (11,0%); o cyberbullying foi significativamente associado ao suicídio.
Li et al. (2019)	Multi-Dimensional Factors Associated with Illegal Substance Use Among Gay and Bisexual Men in Taiwan	China	500 homens gays e bissexuais/ 20- 25 anos	Quantitativa	No que diz respeito a frequência de cyberbullying: (nunca: 59,8%; apenas um pouco: 32,6%; muitas vezes / todos o tempo: 7,6%
Li et al. (2020)	Mediating Effects of Emotional Symptoms on the Association between Homophobic Bullying Victimization and Problematic Internet/Smartphone Use among Gay and Bisexual Men in Taiwan	China	500 homens gays e bissexuais/ 20- 25 anos	Quantitativa	40,1% dos participantes reportaram vitimização por bullying homofóbico cibernético; Um nível mais alto de vitimização por bullying homofóbico foi significativamente associado a um nível mais grave de uso problemático da internet/smartphone, e isso foi mediado por uma maior gravidade dos sintomas emocionais (ansiedade e depressão).

<i>Autores (ano)</i>	<i>Título</i>	<i>País</i>	<i>Amostra /idade</i>	<i>Tipo de pesquisa</i>	<i>Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental</i>
Luk et al. (2018)	Sexual Orientation and Depressive Symptoms in Adolescents	Estados Unidos	12785 adolescentes /média de 17.2 anos	Quantitativa	Adolescentes de minorias sexuais relataram mais vitimização por cyberbullying; adolescentes de minorias sexuais relataram sintomas depressivos mais elevados do que adolescentes heterossexuais ao longo do tempo.
Luk et al. (2019)	Cyber Behaviors Among Heterosexual and Sexual Minority Youth: Subgroup Differences and	Estados Unidos	2,012 participantes/ média de 22.6	Quantitativa	Homens e mulheres bissexuais apresentaram níveis mais elevados de sintomas psicossomáticos e pior percepção de saúde geral do que seus pares heterossexuais:
Marciano & Antebi-Gruszka (2020)	Offline and online discrimination and mental distress among lesbian, gay, and bisexual individuals: the moderating effect of LGBTQ facebook use	Israel	2,318 participantes LGBTQ/13-80 anos	Quantitativa	O sofrimento mental foi positivamente associado a múltiplas formas de discriminação, incluindo a online (no Facebook ou aplicativos de namoro); O sofrimento mental se correlacionou com ser transgênero/gênero diverso e identificar-se como bissexual.
Mereish et al. (2019)	Sexual Orientation Disparities in Mental Health and Substance Use among Black American Young People in the U.S.A.: Effects of Cyber and Bias-Based Victimization.	Estados Unidos	1,129 jovens/ 10-17 anos	Quantitativa	Grupos de minorias sexuais relataram mais vitimização cibernética do que participantes heterossexuais; vitimização cibernética e preconceituosa foram associados a mais sintomas depressivos e de suicídio entre todos os participantes. Entre os negros, esse risco aumenta.
McConnell et al. (2017)	Identity, Victimization, and Support: Facebook Experiences and Mental Health Among	Estados Unidos	204 jovens e adultos LGBTQ/ 19-28 anos	Quantitativa	Cyberbullying mostrou efeito considerável no sofrimento psicológico dos jovens.
Moran et al. (2018)	Bully victimization, depression, and the role of protective factors among college LGBTQ students	Estados Unidos	347 universitários LGBTQ/média de	Quantitativa	Entre as formas de vitimização, o cyberbullying foi o 3º mais frequente; O cyberbullying foi a única forma de vitimização significativamente associada à depressão de participantes

<i>Autores (ano)</i>	<i>Título</i>	<i>País</i>	<i>Amostra /idade</i>	<i>Tipo de pesquisa</i>	<i>Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental</i>
Peled (2019)	Cyberbullying and its influence on Israel academic, social, and emotional development of undergraduate students.	Israel	638 alunos de graduação/20-35 anos	Quantitativa	Maiores escores no cyberbullying se relacionaram com escores maiores em termos de ansiedade e problemas de autoestima; não heterossexuais apresentaram escores maiores em termos de ansiedade, depressão, problemas de autoestima e ideação suicida.
Pistella et al. (2019)	The role of peer victimization, sexual identity, and gender on unhealthy weight control behaviors in a representative sample of Texas youth	Estados Unidos	2067 estudantes de escolas públicas e privadas/?	Quantitativa	Alunas de minorias sexuais femininas foram as mais propensas a serem vítimas de cyberbullying.
Ramsey et al. (2016)	Cyber victimization and depressive symptoms in sexual minority college students	Estados Unidos	634 estudantes/ 18- 22 anos	Quantitativa	Participantes de minorias sexuais relataram maior cyber vitimização recente e ser de tal subamostra esteve significativamente associado a mais sintomas depressivos assim como menores níveis de vitimização com menos sintomas depressivos;
Trujillo et al. (2020)	Unique and Cumulative Effects of Estados Unidos Intimate Partner Cybervictimization Types on Alcohol Use in Lesbian, Gay, and Bisexual Emerging Adults	Estados Unidos	277 indivíduos LGB/18-29 anos	Quantitativa	Os resultados indicaram que 29,2% (n = 81) confirmaram ter sofrido todos os três tipos de cybervitimização (psicológica, sexual e perseguição);
Wang et al. (2018)	Effects of traditional and cyber homophobic bullying in childhood on depression, anxiety, and physical pain in emerging adulthood and the moderating effects of social support among gay and bisexual men in Taiwan	China	500 homens gays e bissexuais/ 20- 25 anos	Quantitativa	40,8% desses homens gays/bissexuais reportaram ter sofrido cybervitimização; vítimas de qualquer tipo de bullying homofóbico (incluindo cyberbullying) apresentaram maiores escores de depressão e ansiedade.
Wang et al. (2019)	Victimization of Traditional and Cyber Bullying During Childhood and Their Correlates Among Adult Gay and Bisexual Men in Taiwan: A Retrospective Study	China	500 homens gays e bissexuais/ 20- 25 anos	Quantitativa	27% e 22,4% relataram ter sido vítimas de cyberbullying por não conformidade de gênero e orientação sexual, respectivamente.

No que diz respeito aos participantes, é válido observar que dos 24 estudos selecionados, apenas 10 (41,6%) deles tinham uma amostra que contava apenas com pessoas pertencentes a minorias sexuais. Por outro lado, é perceptível um aumento de publicações que levam em conta essa temática, tendo em vista que 15 (62,5%) das pesquisas de nossa amostra foram publicadas entre 2019 e 2020.

Associações entre cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental

Todos os estudos que compararam participantes pertencentes a minorias sexuais com participantes heterossexuais concluíram que o primeiro grupo tende a relatar maior risco e frequência de vitimização por cyberbullying seja recente ou não (Bouris et al., 2016; Davis et al., 2018; Escobar-Viera et al., 2020; Feinstein et al., 2019; Garaigordobil & Larrain, 2020; Kuehn et al., 2019; Luk et al., 2018; Mereish et al., 2019; Peled, 2019; Pistella et al., 2019; Ramsey et al., 2016). Ainda no tocante as minorias sexuais, pesquisas como as de Bouris et al. (2016), Duarte et al. (2018), Marciano e Antebi-Gruszka (2020), Peled (2019) e Ramsey et al. (2016) corroboram com a ideia de que existe uma associação positiva entre pertencer a uma minoria sexual e relatar mais sintomas depressivos, ansiosos, ideação e tentativas de suicídio. Quer dizer, de forma geral, os participantes LGBTQI+, segundo esses estudos, tendem a relatar mais problemas de saúde mental que os heterossexuais.

É necessário frisar que já é comprovada também uma associação positiva entre a vitimização por cyberbullying e o sofrimento mental. A cyber vitimização está associada a maiores escores no que diz respeito a estresse, ansiedade, depressão, baixa autoestima e tentativas de suicídio (Davis et al., 2018; Feinstein et al., 2019; Lam et al., 2019; Mereish et al., 2019; Moran et al., 2018; Wang et al., 2018). Neste ponto, é válido observar que apesar de muitos estudos apontarem a associação direta entre pertencer a minorias sexuais e se

apresentar mais problemas de saúde mental, trabalhos como os de Bouris et al. (2016) e Escobar-Viera et al. (2020) argumentam que essa relação pode ser indireta e mediada pela vitimização por cyberbullying.

Outras associações

Já cientes das associações positivas entre ser vítima de cyberbullying, pertencer a minorias sexuais e relatar mais problemas de saúde mental, é interessante visualizar outras associações. A Figura 3 mostra, do lado direito, outras variáveis indicadas pelos estudos como associadas ao cyberbullying e, à esquerda, fatores que estão associadas a pertencer a minorias sexuais.

Primeiramente, as cyber vítimas relataram também sofrerem mais violência verbal, física e por parceiro íntimo (Lam et al., 2019). Pertencer a minorias sexuais também esteve associado a reportar mais abuso sexual, violência no namoro e envolvimento em lutas físicas (Bouris et al., 2016; Kuehn et al., 2019; Pistella et al., 2019). Segundo, tanto já ter sido vítima de cyberbullying, quanto pertencer a minorias sexuais se associaram ao uso problemático de substâncias, internet e/ou smartphones (Li et al., 2019; Li et al., 2020; Peled, 2019). Finalmente, a cyber vitimização e a pertença a minorias sexuais se associou positivamente com dificuldades na esfera social ou sociabilidade, que inclui questões interpessoais, familiares e acadêmicas (Aparicio-García et al., 2018, Hu et al., 2019; Kuehn et al., 2019).

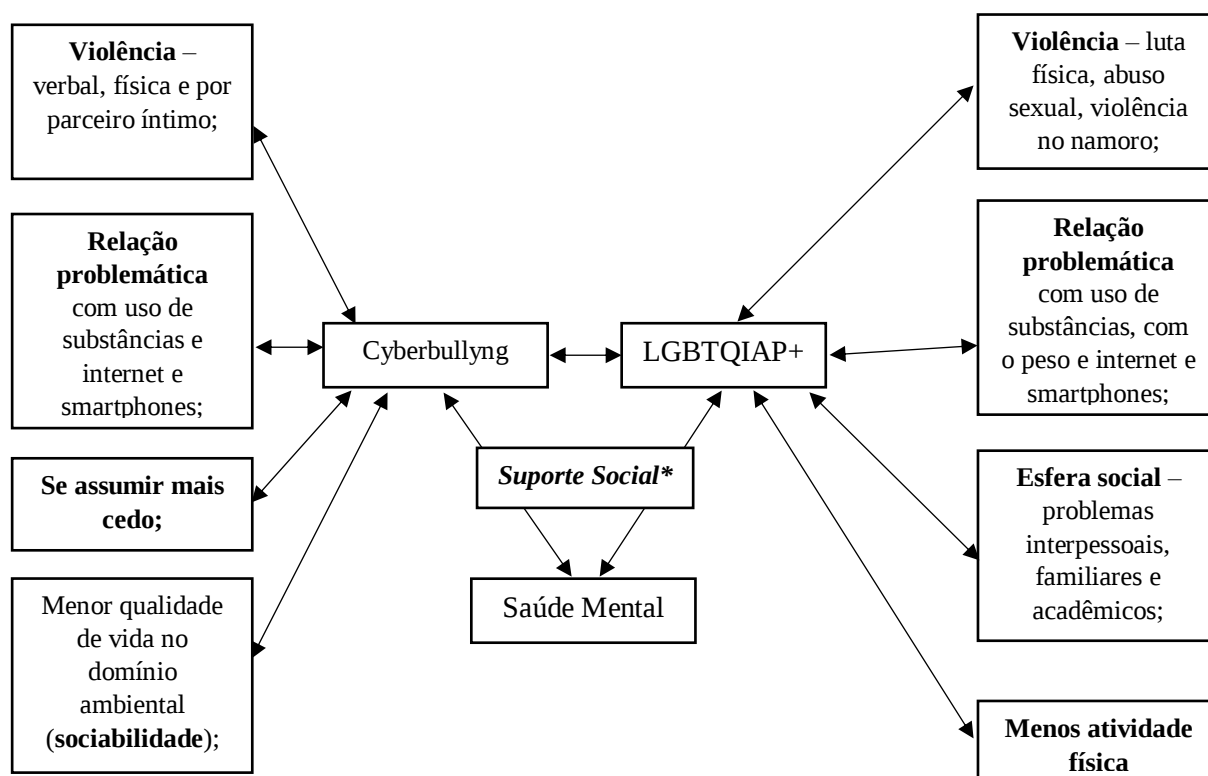


Figura 3 - Outras variáveis associadas aos constructos

É válido enfatizar a associação positiva entre se assumir mais cedo e reportar mais incidentes de cyberbullying (Li et al., 2019). Apesar de não ter sido contemplado na figura, é importante colocar também que, em minorias sexuais, fatores como idade (mais jovem) e renda foram apontados como, respectivamente, positivamente e negativamente associados com o sofrimento mental, ou seja, quanto menor a renda e a idade, maior o sofrimento mental (Marciano & Antebi-Gruszka, 2020). Destaca-se a importância do suporte social como elemento que diminui a força das associações positivas entre ter problemas de saúde mental com o cyberbullying e pertencer a uma minoria sexual (Mcconnell et al., 2017; Moran et al., 2018; Wang et al., 2018).

DISCUSSÃO

Objetivo deste estudo foi entender o entrelace entre a vitimização por cyberbullying, minorias sexuais e saúde mental, bem como encontrar novas possibilidades de mediadores e moderadores dentro dessas relações. Nossos resultados corroboram com os de outras pesquisas e confirmam a associação positiva entre ser vítima de cyberbullying e reportar maiores escores de sofrimento mental, bem como pertencer a minorias sexuais e reportar mais problemas de saúde mental (Kowalski et al., 2014; Richardson et al., 2020; Albdour et al., 2019; Rentería et al., 2021).

É preciso ir além do que já está dito. As diferenças entre raça, gênero, idade, status social e econômico, e até mesmo entre os membros do próprio movimento LGBTQIAP+ foram indicadas como relevantes. Estudos como os de Lund e Ross (2020) – que exploram a vitimização por pares dentro de um grupo de pessoas com deficiência levando em conta intersecções com gênero e orientação sexual – e Opara et al. (2020) – que apontam não só raça, mas status socioeconômico, gênero e orientação sexual como fatores de risco para sofrimento mental – são exemplos de como a literatura atual vem percebendo, paulatinamente, a necessidade de análises mais multidimensionais quando se fala em violência, discriminação e saúde mental.

Ainda sublinhando a complexidade da temática estudada, foram apontados outros elementos que estiveram associados diretamente com o cyberbullying e com a pertença a minorias sexuais. O uso problemático de substâncias, internet e smartphone esteve associado positivamente com os dois constructos citados anteriormente. O suporte social, por exemplo, é um componente que tem potencial para atenuar os impactos no sofrimento mental tanto de vítimas de cyberbullying quanto de pessoas que pertencem a minorias sexuais. Estes resultados estão de acordo com os estudos de Desmet et al. (2021) que comprovam o efeito

moderador do suporte parental, principalmente do apoio à autonomia, como fator que está relacionado a melhores indicadores de saúde mental, mesmo diante da cyber vitimização.

Este é um caminho que pode ser percorrido de outras formas, com a análise de outros elementos. Estudos futuros devem fazer análises de moderação e de mediação com fatores citados nas sessões anteriores. O uso de substâncias, internet e smartphone, a prática de atividade física, a vitimização por outras formas de violência, a época em que se assumiu, o nível de masculinidade, são todos elementos que já são citados na literatura, porém não como possíveis mediadores ou moderadores. Apesar disso, Wang et al. (2019) já assinala a necessidade de estudos que se aprofundem nessas relações de mediação.

CAPÍTULO 2: Cyberbullying e minorias sexuais: o efeito do apoio social e da autoeficácia em atividade física na saúde mental das vítimas

Esse estudo teve como objetivo primário observar e comparar possíveis diferenças de médias e correlações entre LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero) no que concerne à cyber vitimização, aos escores de saúde mental (depressão, ansiedade e estresse) e a outros dois elementos: o apoio social e a autoeficácia em atividade física. Foram feitas ainda, análises levando em conta idade, gênero e raça dentro dos próprios grupos.

Quanto ao apoio social e a autoeficácia em exercício físico, foram propostas duas hipóteses com base na Modelo do Estresse de Minorias (Meyer, 2003). Tendo em vista que o autor argumenta que o apoio social e o *coping* (neste caso, pensou-se a prática de atividade física como forma de *coping*) podem atuar um fator que pode diminuir o impacto negativo da violência e discriminação (neste caso, o cyberbullying) na saúde mental, quando se referem às minorias sexuais, surgem as hipóteses:

Hipótese I: o apoio social atuará como fator moderador dentro da relação direta entre a cyber vitimização (LGBQTIAP+) e o relato de queixas de saúde mental.

Hipótese II: a autoeficácia no que concerne à prática de exercícios físicos atuará com fator moderador dentro da relação direta entre a pertença a cyber vitimização (LGBQTIAP+) e a manifestação de problemas de saúde mental.

MÉTODO

Amostra

A amostra contou com 256 sujeitos com idade média de 25,92 anos ($DP = 5,19$). Metade se autodenominou heterossexual e cis gênero (128) e a outra metade se denominou como LGBTQIAP+ (128). A amostra é predominantemente do gênero feminino (63,8%). Dentre os respondentes, 4 (1,6%) se autodenominaram transgênero. A maioria dos voluntários era da região Nordeste e, especificamente, do estado da Paraíba (52,3%).

Instrumentos

Foi incluído um questionário sociodemográfico que permitiu uma caracterização geral da amostra, englobando particularmente elementos como idade, identidade de gênero, raça/etnia, religião, status socioeconômico e, para o grupo LGBTQIAP+, a letra da sigla (LGBTIAP) a qual os participantes pertenciam.

Para mensurar a cyber vitimização, foi usada a escala *Florense de Cyber Agressão - Cyber vitimização*. Este instrumento foi elaborado por Palladino et al. (2015) e adaptado para o contexto brasileiro por Cavalcanti et al. (2019). É composto por 9 itens referentes à cyber agressão e 9 referentes à cyber vitimização –foco deste estudo. Os 18 itens são divididos em 3 fatores: um visual, um de falsificação e um terceiro referente à exclusão (os três com alfa de Cronbach e Ômegas de McDonald superiores a 0,70).

Para calcular os níveis de apoio social, foi empregada a *Escala de Apoio Social (MOS-SSS)*, que contém 19 itens divididos em fatores: o emocional, o material/informacional, o afetivo e o relativo à interação social positiva (todos com alfa de Cronbach variando entre 0,86 e 0,97). Tal escala foi adaptada e validada para o português por Fachado et al. (2007).

O fator de autoeficácia da *Escala Psicossocial para Atividade Física (PACE)* também foi utilizado. O instrumento completo conta com 5 fatores que apresentam uma consistência

interna satisfatória ($\alpha \geq 0,70$) e 39 itens que têm como objetivo avaliar o comportamento das pessoas no que diz respeito à atividade física (Tassitano et al., 2014). O fator da autoeficácia especificamente conta com 6 itens.

Foi utilizada também a *Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21)* que tem como objetivo rastrear os chamados afetos negativos: depressão, ansiedade, estresse. Ela contém três fatores – com alfas de Cronbach de 0,92, 0,90 e 0,86 respectivamente – que são equivalentes aos afetos citados anteriormente, contando com 21 itens. É uma escala do tipo *Likert*, de 4 pontos, que varia de 0 a 3 e é aplicada de forma a pedir que o participante informe o quanto se identifica com cada uma das afirmações apresentadas (Vignola & Tucci, 2014).

Procedimentos

No que se refere aos procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos, é importante ressaltar que a coleta de dados desse estudo foi avaliada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e segue as recomendações estabelecidas na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Após avaliação favorável, foram produzidos formulários virtuais e compartilhados em redes sociais diversas.

Análise de dados

Para tabulação e análise de dados foram utilizados o IBM SPSS 26 e o JAMOVI 1.6.23. Foram feitas análises descritivas e de frequência (média, moda, desvio padrão), teste t para amostras independentes e ANOVAS multivariadas com objetivo entender diferenças de médias entre grupos, correlações bivariadas de Pearson, para medir possíveis correlações entre os constructos e regressões múltiplas com intuito de buscar relações de predição entre esses mesmos constructos. Finalmente, foram testadas também possíveis moderações.

RESULTADOS

Dados gerais

No quesito raça/etnia, a maioria dos participantes se autodeclarou branco (56,4%), seguidos de pardos/mestiços (25,3%) e pretos (14%). Quanto ao status socioeconômico, 80,5% disseram pertencer à classe média (alta ou baixa). Acrescenta-se que 93,4% desses sujeitos estão fazendo ou já concluíram o ensino superior, e 64,8% deles respondeu que estava solteiro. Sendo assim, a amostra é majoritariamente branca, de classe média (62,1% média baixa, 18,4% média alta), com acesso ao ensino superior e solteira. Esses dados, apesar de apenas descritivos, são muito importantes para se pensar os resultados obtidos.

Dentre os LGBTQIAP+ é importante ressaltar que a maioria afirmou ser bissexual (43%) e estes foram seguidos de gays (29,6%) e lésbicas (20,4%); 4 (3,2%) e 5 (4%) participantes se declararam, respectivamente, transsexuais/travestis e pansexuais.

Diferenças e semelhanças entre LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero)

Em termos de saúde mental, a MANOVA uni fatorial apontou uma diferença significativa entre os dois grupos. Como pode-se observar na Figura 4, nos três afetos negativos (estresse, ansiedade e depressão), o grupo LGBTQIAP+ teve média maior (Λ de Wilks = 0,96; $F [3,252] = 3,18$; $p = 0,02$; $\eta^2 = 0,04$).

Foi conduzida ainda uma ANOVA uni fatorial para cada um dos afetos negativos. Neste caso, os escores demonstraram efeitos uni variados significativos apenas na ansiedade [$F (1,254) = 7,08$; $p = 0,01$; $\eta^2 = 0,027$]. Isto não se aplica ao estresse [$F (1,254) = 2,21$; $p = 0,14$; $\eta^2 = 0,01$] e a depressão [$F (1,254) = 0,20$; $p = 0,66$; $\eta^2 = 0,00$]. Finalmente, o tamanho do efeito (d de Cohen) foi de 0,19 para o estresse, 0,34 para ansiedade e 0,05 para a depressão.

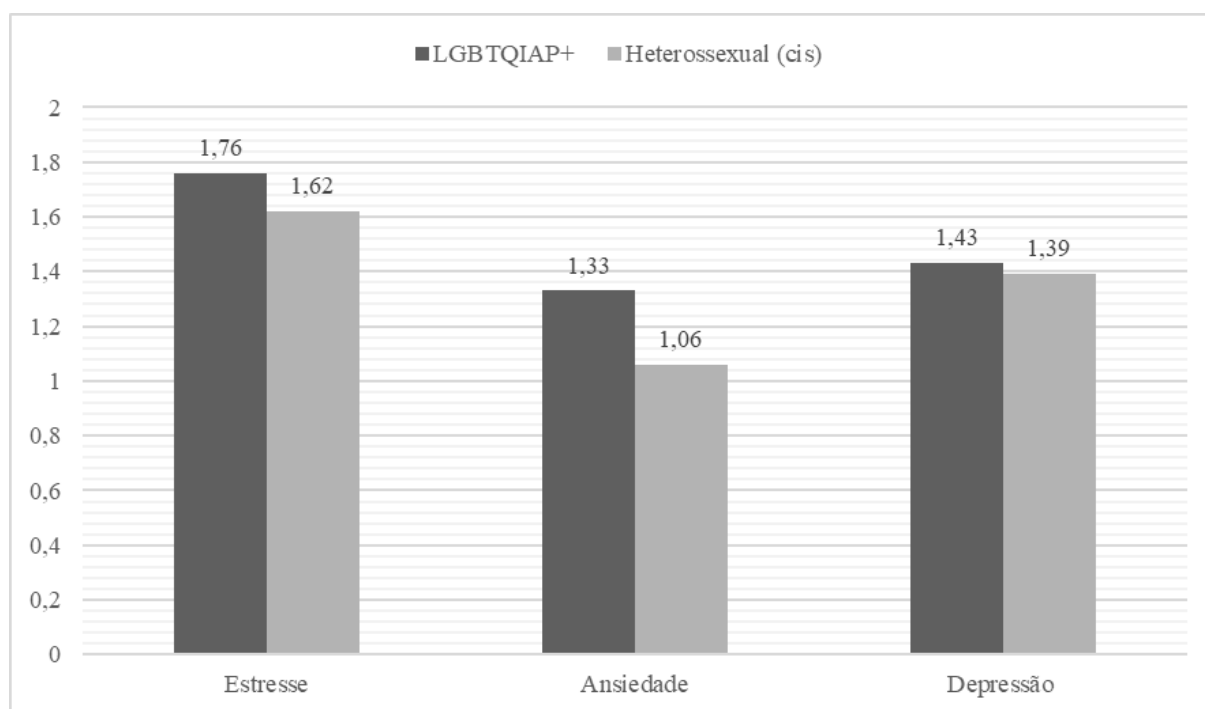


Figura 4 - Médias dos grupos referentes aos três afetos negativos

Testes de correlação de Pearson (Tabela 2) apontaram que com o avanço da idade os participantes LGBTQIAP+ tenderam a reportar menos depressão ($r = -0,18$; $p = 0,04$) e ansiedade ($r = -0,18$; $p = 0,04$). Os participantes heterossexuais seguiram a mesma lógica, mas apenas para o fator depressão ($r = -0,19$; $p = 0,03$). Entre os LGBTQIAP+ a idade se correlacionou negativamente com os índices de cyber vitimização. Quer dizer, quanto mais novos, maiores os escores de vitimização por cyberbullying ($r = -0,02$; $p = 0,05$). No grupo heterossexual não ficou evidenciada essa correlação.

Tabela 2 - Testes de correlação de Pearson

LGBTQIAP+	<i>Idade</i>	<i>CV</i>	<i>Ansiedade</i>	<i>Depressão</i>	<i>Estresse</i>
<i>Idade</i>	-				
<i>CV</i>	-0,17*	-			
<i>Ansiedade</i>	-0,18*	0,25**	-		
<i>Depressão</i>	-0,18*	0,23**	0,57**	-	
<i>Estresse</i>	-0,14	0,17*	0,77**	0,70**	-
Hétero(cis)	<i>Idade</i>	<i>CV</i>	<i>Ansiedade</i>	<i>Depressão</i>	<i>Estresse</i>
<i>Idade</i>	-				
<i>CV</i>	0,12	-			
<i>Ansiedade</i>	-0,16	0,28**	-		
<i>Depressão</i>	-0,19*	0,17	0,69**	-	
<i>Estresse</i>	-0,13	0,27**	0,73**	0,68**	-

Nota: ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

Quando perguntados diretamente se teriam sido vítimas de cyberbullying na época da escola, 33,6% dos respondentes LGBTQIAP+ afirmaram que sim. Entre os respondentes heterossexuais, 14,1% afirmaram ter sofrido cyberbullying na escola. Este número é 2,4 vezes menor que o reportado pelo grupo LGBTQIAP+. De um modo geral, a cyber vitimização predispe problemas de saúde mental. Isto foi observado a partir de uma regressão simples [$F(1,254) = 19,65$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,072$]. Tais dados indicam que a cyber vitimização prediz cerca de 7% da variação de queixas relacionadas a estresse, ansiedade e depressão.

O fator de autoeficácia em atividade física não se correlacionou significativamente com nenhum dos fatores do DASS-21 (estresse, ansiedade e depressão), seja entre os

LGBTQIAP+, seja entre os heterossexuais. Ainda na esfera da atividade física, os participantes foram perguntados se faziam algum tipo de atividade física naquele momento. O teste t de *Student* para amostras independentes não revelou diferenças significativas na saúde mental na comparação entre os que praticavam e os que não praticavam atividade física.

O apoio social, por outro lado, no grupo LGBTQIAP+ se correlacionou negativamente com a depressão ($r = -0,24$; $p = 0,01$). Entre os heterossexuais esta associação se repete ($r = -0,202$; $p = 0,02$). Sendo assim, de um modo geral, menores níveis de apoio social, estiveram associados a maiores escores de depressão. Nesta amostra, especificamente, não foram encontradas diferenças significativas em termos de apoio social entre os dois grupos.

Gênero e raça

Não houve diferenças estatisticamente significativas entre gêneros com relação aos níveis de cyber vitimização e saúde mental, nem no que diz respeito à autoeficácia em atividade física. Com relação ao apoio social, no entanto, o teste t de *Student* para amostras independentes mostrou que, de um modo geral, as pessoas que se identificaram como pertencentes ao gênero feminino pontuaram mais ($M = 4,12$, $DP = 0,79$) em apoio social em relação a qual grupo masculino ($M = 3,89$; $DP = 0,88$) [$t(252) = 2,05$; $p = 0,041$].

O teste t de *Student* para amostras independentes foi utilizado ainda com o objetivo de buscar diferenças entre pessoas de diferentes raças/etnias. Foram feitas análises comparando aqueles que se autodenominaram brancos, com os que se intitularam pardos/mestiços e com os que se disseram pretos. De um modo geral, não houve diferença significativa na esfera da saúde mental. No tocante ao apoio social, no entanto, entre os heterossexuais ($M = 4,19$), os brancos, quando comparados aos pardos/mestiços ($M = 3,86$) tiveram maiores escores, $t(110) = 2,01$; $p = 0,00$. Entre os LGBTQIAP+, o teste indicou que os pardos/mestiços ($M = 2,05$;

DP = 0,14) tiveram maiores níveis de cyber vitimização em comparação aos brancos ($M = 1,74$; $DP = 0,41$), $t(100) = -2,14$; $p = 0,041$.

Moderações

Foram feitas análises de moderação no software JAMOV 1.6.23 com o intuito de investigar a hipótese de que o apoio social poderia agir como moderador na relação entre cyber vitimização e queixas relacionadas à saúde mental. Essas análises foram feitas separadamente. Primeiramente com a amostra LGBTQIAP+ e depois com a amostra heterossexual (cis).

Tabela 3 – Análise de moderação (grupo LGBTQIAP+)

	Coefficiente (b)	Erro-padrão	Z	p
Cyber vitimização	0.31	0.12	2.61	0.009
Apoio Social	-0.12	0.07	-1.94	0.052
Cyber vitimização * Apoio Social	0.19	0.13	1.43	0.154

Tabela 4 - Análise de moderação (grupo heterossexual)

	Coefficiente (b)	Erro-Padrão	Z	p
Cyber vitimização	0.40	0.12	3.31	< .001
Apoio Social	-0.08	0.03	-2.19	0.029
Cyber vitimização * Apoio Social	-0.06	0.08	-0.83	0.402

Como bem podemos observar nas Tabelas 3 e 4, em nenhum dos dois grupos a interação entre cyber vitimização e queixas na saúde mental foi moderada pelo apoio social. Sendo assim, por mais que haja uma relação direta entre reportar episódios de cyberbullying e

apresentar maiores escores de sofrimento mental, o efeito da variável apoio social com a cyber vitimização não foi significativo nem para o grupo LGBTQIAP+ nem para o grupo heterossexual.

Tabela 5 - Análise de moderação (grupo LGBTQIAP+)

	Coeficiente (b)	Erro-Padrão	Z	p
Cyber vitimização	0.39	0.12	3.17	0.002
Autoeficácia	-0.09	0.06	-1.27	0.205
Cyber vitimização * Autoeficácia	-0.06	0.14	-0.46	0.643

Tabela 6 - Análise de moderação (grupo heterossexual)

	Coeficiente (b)	Erro-Padrão	Z	p
Cyber vitimização	0.40	0.12	3.21	0.001
Autoeficácia	-0.00	0.06	-0.03	0.979
Cyber vitimização * Autoeficácia	0.08	0.13	0.61	0.539

As Tabelas 5 e 6 mostram os resultados das análises de moderação referentes à autoeficácia em atividade física. Com base nesses dados, pode-se dizer que a autoeficácia não atuou como moderador na relação entre cyber vitimização e problemas de saúde mental em ambos os grupos. Sendo assim, a segunda hipótese desse estudo também não foi confirmada.

DISCUSSÃO

O presente estudo objetivou explorar as possíveis relações entre cyber vitimização, queixas de saúde mental – como ansiedade, depressão e estresse – e a pertença a minorias sexuais. Foram feitas análises com o intuito de compreender o papel do apoio social e da

autoeficiência da prática de exercícios físicos dentro da relação direta entre cyber vitimização e queixas de saúde mental.

Apesar da Escala Florence de Cyberbullying e Cyber vitimização não ter apontado diferenças significativas entre os grupos (LGBTQIAP+ e heterossexual), é válido enfatizar, que quando perguntados diretamente se consideravam ter sofrido cyberbullying na época da escola, os participantes LGBTQIAP+ reportaram 2,4 vezes mais cyberbullying que os heterossexuais. A maior incidência de vitimização por cyberbullying entre as minorias sexuais é algo que estudos como os de Cénat et al. (2015), DeSmet et al. (2018) e Webb et al. (2020) já comprovaram.

Os dados indicaram uma diferença significativa entre os dois grupos, especificamente no fator ansiedade. Aqueles que se autodenominaram LGBTQIAP+ relataram maiores índices de ansiedade. Aqui é válido notar que esses índices de ansiedade – e depressão – tenderam a diminuir com o avançar da idade nesse grupo, o que está de acordo com o que outros estudos voltados para saúde mental e minorias sexuais também observam. Fredriksen-Goldsen e Muraco (2010), em revisão da literatura sobre o assunto, argumentam que, ao contrário do que se pensa, os gays e lésbicas mais velhos não são necessariamente sozinhos e/ou deprimidos. O argumento aqui é que com o passar do tempo a comunidade LGBT tende a desenvolver habilidades para lidar com as adversidades, como o estigma e a discriminação. Em estudo mais recente com militares, Monin et al. (2016) também atestam essa ideia, ao concluir que os LGBT mais jovens tenderam a reportar mais depressão que os em idade mais avançada.

Associada à redução das queixas em saúde mental, percebe-se também uma diminuição dos eventos de cyber vitimização reportados por tais participantes. Apesar de isto não ter se aplicado ao grupo heterossexual, nesse quesito, Barllet et al. (2017), ao observar

uma amostra que variava de 11 a 75 anos, relata uma não linearidade nos eventos de cyberbullying quando se leva em conta a idade. Isso significa que da juventude até a idade adulta essas medidas tendem a aumentar, mas com a chegada da maturidade, os números decaem. Nessa mesma direção, Balakrishnan (2015) argumenta que apesar de não ter encontrado diferenças significativas entre idades, seus dados mostraram que os incidentes de cyberbullying foram menos frequentes entre os participantes mais velhos.

Foram feitas também comparações entre grupos levando em conta gênero e raça. Destaque para o apoio social que foi significativamente maior entre os participantes do gênero feminino. Percebeu-se que os brancos em comparação com os pardos/mestiços, reportaram menos episódios de cyberbullying. Por outro lado, quando comparados aos pretos, os brancos pontuaram de forma semelhante. Estes dados, conferem mais complexidade a essa rede de informações e dialoga com outras pesquisas que apontam que o ódio cibernético pode se direcionar especialmente aqueles que são diferentes não só na esfera da sexualidade, mas em termos de gênero e etnia/raça também (Burnap & Williams, 2016; Felmlee et al., 2019; Mishnaa et al., 2020).

O apoio social anteriormente mencionado, e colocado por Meyer (2003) no Modelo do Estresse das Minorias como possível fator que mitigaria os níveis estresse (problemas de saúde mental) mesmo diante de eventos de violência ou discriminação (como o próprio cyberbullying), não atuou como variável moderadora. Esses resultados se parecem com os de Worsley et al. (2018) que fez uma análise parecida com adolescentes e explica que nesse contexto o apoio familiar não tamponou (“*bufferd*”) as queixas de saúde mental. Na mesma lógica do nosso, o estudo Worsley et al. (2018) identificou uma correlação entre perceber esse apoio familiar e apresentar menores indicadores de problemas de saúde mental.

Por outro lado, estudos como o de Wright (2017) apontam que a maior percepção de apoio social (de pais e professores) pode atuar como moderador que diminui a suscetibilidade de vítimas de cyberbullying a reportarem de problemas de depressão. O apoio social aparece ainda em outros estudos não como moderador, mas mediador na relação entre exposição à violência e prejuízo da saúde mental e é tipicamente colocado como fator que mitiga o aparecimento de sintomas como depressão e ansiedade (Cooley et al., 2014; Duru & Balkis, 2018; Ho et al., 2020).

Quanto à não confirmação da hipótese de que a prática de atividade física poderia atuar também como um moderador, é importante dizer que a literatura já indica que a prática de atividade física pode contribuir para o desenvolvimento de mecanismos para lidar com a cyber agressão, diminuindo seus impactos negativos, assim como evitar o envolvimento em episódios de cyberbullying. O sedentarismo, por outro lado, pode estar associado à maior vitimização por violências como o bullying e cyberbullying (Benítez-Sillero et al., 2021; García-Hermoso et al., 2020; Lin et al. 2020;).

CAPÍTULO 3: Cyberbullying e minorias sexuais: o efeito da dependência por smartphones e uso inadequado de substâncias na tendência ao suicídio

O presente estudo objetivou a comparação de média e possíveis correlações entre grupos de pessoas LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero) no que se refere à vitimização por cyberbullying, tendência ao suicídio, uso de substâncias tais como álcool (e derivados), tabaco, maconha, substâncias ilícitas e uso exagerado de smartphone. Foram levadas em conta variáveis como gênero, idade e raça, dentro de cada um dos grupos.

À luz da Modelo do Estresse de Minorias (Meyer, 2003), foram feitas duas hipóteses principais. Nesse aspecto, destaca-se que o autor argumenta que diante da violência sofrida por grupos minoritários, as táticas de enfrentamento (ou *coping*) podem ter um impacto na saúde mental. Partindo da premissa que o uso problemático de substâncias e a dependência de smartphone podem ser consideradas forma mal adaptativas de enfrentamento, chegou-se às seguintes hipóteses:

Hipótese I: O uso problemático de substâncias atuará como variável mediadora dentro da relação direta entre a vitimização por cyberbullying (especificamente entre os LGBTQIAP+) e à tendência ao suicídio.

Hipótese II: A dependência de smartphone atuará como variável mediadora dentro da relação direta entre a vitimização por cyberbullying (especificamente entre os LGBTQIAP+) e à tendência ao suicídio.

MÉTODO

Amostra

Este estudo contou com a participação de 254 sujeitos com idade média de 27,56 anos (DP = 7,56). Metade da amostra (127) foi composta por pessoas que se autodenominaram heterossexuais (cisgênero) e a outra metade (127) por pessoas LGBTQIAP+. Entre os voluntários 67,7% pertenciam ao gênero feminino. Os dados apontaram ainda um predomínio de respondentes que residiam na região Nordeste, mais especificamente do estado da Paraíba (67,6%).

Instrumentos

Um questionário sociodemográfico foi usado com o objetivo de caracterizar a amostra geral em termos de idade, identidade de gênero, raça/etnia, religião, status socioeconômico e, para o grupo LGBTQIAP+, cada letra da sigla (LGBTQIAP) a qual os participantes pertenciam.

Foram usadas escalas *Likert* simples de cinco pontos para medir a frequência de uso e perguntar se o participante considerava ter uma relação problemática com substâncias como bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados e similares), tabaco (cigarro, charuto, cachimbo etc), maconha ou LSD, ecstasy ou outras substâncias ilícitas.

Para medir os níveis de cyber vitimização foi usada a escala *Florense de Cyber Agressão – Cyber vitimização*. Esse instrumento foi elaborado Palladino et al. (2015) e adaptado para o contexto brasileiro por Cavalcanti et al. (2019). É composto por 9 itens referentes à cyber agressão e 9 referentes à cyber vitimização – que foi o foco deste estudo. Os 18 itens são divididos em 3 fatores: um visual, um de falsificação e um terceiro referente à exclusão (os três com alfa de Cronbach e Ômegas de McDonald superiores a 0,70).

Foi adotada também a *Escala Multi-atitudinal de Tendência ao Suicídio (EMTS)*. Essa escala é voltada para a temática do suicídio – mais especificamente sobre a relação do respondente com aspectos da vida e da morte –, contém 20 itens e foi desenvolvida por Orbach et al. (1991). Ela foi adaptada para o contexto brasileiro, por Aquino (2009), que a dividiu em 4 fatores: repulsão em relação à morte, repulsão em relação à vida, atração pela vida e atração pela morte, com os alfas de Cronbach com valores entre 0,71 e 0,85.

Finalmente, foi empregada a *Escala de Dependência de Smartphone, versão reduzida* (SAS-SV): é uma escala que possui 10 itens, e fator único ($\alpha = 0,81$), que objetivam avaliar os comportamentos de uso problemático ou compulsivo de smartphone. Tal escala foi criada originalmente por Kwon (2013) e adaptada para o contexto brasileiro por Andrade et al. (2020).

Procedimentos

No que se refere aos procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos, é importante salientar que a coleta de dados desse estudo foi avaliada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e seguiu as recomendações estabelecidas na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Após avaliação favorável foram aplicados formulários virtuais que foram compartilhados em diferentes redes sociais.

Análise de dados

Para tabulação e análise de dados foram utilizados o IBM SPSS 26 e o JAMOVI 1.6.23. Foram feitas análises descritivas e de frequência (média, moda, desvio padrão). Foram executados teste t para amostras independentes e ANOVAS multivariadas com objetivo entender diferenças de médias entre grupos. Efetuou-se correlações bivariadas de Pearson

para medir possíveis correlações entre os constructos. Cálculos referentes às mediações também foram efetuados.

RESULTADOS

Dados gerais

No que se refere à raça/etnia, 56,7 % dos respondentes se disseram brancos; 30,3% pardos ou mestiços; 9,1% pretos e 2,4% amarelos. A maioria da amostra se autodeclarou como pertencente à classe média (alta ou baixa): estes somaram 88,6% do total. Em termos de escolaridade, predominaram aqueles que já finalizaram algum curso superior (55,1%), seguidos daqueles que têm curso superior incompleto (35,4%). A maior parte dos participantes alegou estar solteira (63,4%).

No grupo LGBTQIAP+ especificamente, 39,4% se autointitularam bissexual. Gays e lésbicas participaram em número igual: 28,3% cada um dos grupos. A amostra contou ainda com pansexuais (2,4%), uma pessoa transgênero (0,8%) e uma assexual.

Diferenças e semelhanças entre LGBTQIAP+ e heterossexuais (cis gênero)

No que concerne à tendência ao suicídio, MANOVA fatorial foi realizada com intuito de se verificar possíveis diferenças entre grupos. Os testes multivariados não apontaram efeitos significativos nos quatro fatores (Λ de Wilks = 0,99; $F [4,249] = 0,84$; $p = 0,5$; $\eta^2 = 0,01$). Em resumo, não foram verificados efeitos univariados em nenhum dos fatores. Os detalhes das médias de cada grupo, em cada fator, podem ser melhor observados na Figura 5. O tamanho do efeito foi de 0,01 para a repulsão a morte, 0,19 para repulsão a vida, 0,00 para atração pela morte e 0,10 para atração pela vida

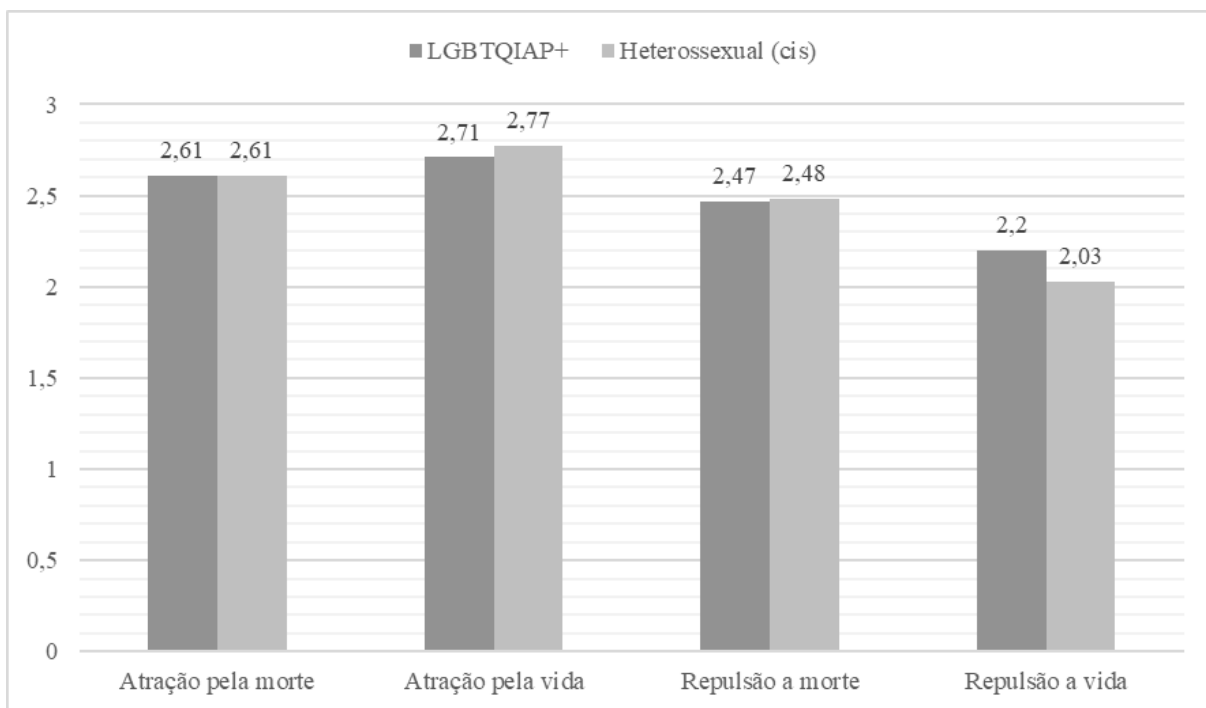


Figura 5 - Médias dos grupos referentes aos quatro fatores da EMTS

Na busca por outras diferenças nos escores, os dois grupos foram comparados item por item. A única diferença significativa entre os grupos foi encontrada no primeiro item (“Sinto-me feliz a maior parte do tempo”). Nesse item em específico, o grupo heterossexual pontuou mais ($M = 3,11$; $DP = 1,09$) quando comparado com o grupo LGBTQIAP+ ($M = 2,79$; $DP = 1,1$) apresentando 0,41 de tamanho do efeito.

O teste t de *Student* para amostras independentes foi usado ainda para comparar as médias de cyber vitimização entre os dois grupos. Nenhuma diferença significativa foi encontrada, apesar do grupo LGBTQIAP+ ter pontuado mais ($M = 1,78$; $DP = 0,64$) que o grupo heterossexual ($M = 1,64$, $DP = 0,52$). Vale ressaltar que quando perguntados diretamente se tinham a percepção de que já tinham sido vítimas de cyberbullying, 21,3% das pessoas que se autointitularam LGBTQIAP+ responderam que sim. Este número caiu para 14,2% entre aqueles que se autointitularam heterossexuais.

Tabela 7 - Testes de correlação de Pearson

<i>LGBTQIAP+</i>	<i>Idade</i>	<i>CV</i>	<i>R. morte</i>	<i>R. vida</i>	<i>A. vida</i>	<i>A. morte</i>
<i>Idade</i>	-					
<i>CV</i>	0,12	-				
<i>R. morte</i>	0,06	0,09	-			
<i>R. vida</i>	-0,08	0,24**	0,13	-		
<i>A. vida</i>	0,13	0,07	0,26**	-0,34**	-	
<i>A. morte</i>	-0,17	0,17	-0,19*	0,47**	-0,41**	

Nota: ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

Tabela 8 - Testes de correlação de Pearson

<i>Hétero</i>	<i>Idade</i>	<i>CV</i>	<i>R. morte</i>	<i>R. vida</i>	<i>A. vida</i>	<i>A. morte</i>
<i>Idade</i>	-					
<i>CV</i>	-0,06	-				
<i>R. morte</i>	-0,11	0,22*	-			
<i>R. vida</i>	-0,09	0,22*	0,28**	-		
<i>A. vida</i>	-0,02	-0,01	-0,33**	-0,33**	-	
<i>A. morte</i>	-0,05	0,14	-0,09	0,39**	-0,27**	-

Nota: ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

As tabelas 7 e 8 correspondem aos dados obtidos a partir de correlações de Pearson com os grupos LGBTQIAP+ e heterossexual, respectivamente. Entre os LGBTQIAP+ chama a atenção a correlação significativa entre a cyber vitimização e a repulsão à vida ($r = 0,24$; $p = 0,01$). Esta correlação aparece também no grupo heterossexual, porém com o valor um pouco menor ($r = 0,22$; $p = 0,01$). Diferentemente do estudo anterior, não foram encontradas correlações significativas entre os constructos estudados e a idade dos sujeitos da amostra. Um dado curioso entre os heterossexuais foi a correlação entre a repulsão à morte e a cyber vitimização ($r = 0,22$; $p = 0,01$).

Quando estes cálculos foram feitos não separadamente, mas com o grupo completo, foram encontradas correlações entre a cyber vitimização e repulsão à vida, e entre cyber vitimização e atração pela morte. A primeira correlação apresentou valor maior ($r = 0,26$; $p = 0,00$) quando comparada à segunda ($r = 0,16$; $p = 0,01$). Houve ainda, de um modo geral, uma

correlação entre uso problemático de bebidas alcoólicas e a atração pela morte ($r = 0,24$; $p = 0,00$).

Tabela 9 - Diferenças entre grupos (LGBTQIAP + e Heterossexuais) na frequência do uso de substâncias

		Bebidas alcoólicas	Tabaco e derivados	Maconha	LSD e similares
LGBTQIAP +	M	2,73*	1,82*	1,72*	1,09
	DP	1,24	1,36	1,27	0,34
Heterossexual	M	2,09*	1,28*	1,35*	1,07
	DP	1,20	0,77	0,98	0,42

Nota: * $p > 0,05$

No que concerne ao uso de internet e smartphones, o teste t de *Student* não revelou diferença significativa entre os dois grupos ($p = 0,07$). Este mesmo teste, quando aplicado aos itens que diziam respeito ao uso de substâncias (lícitas e ilícitas) evidenciou algumas diferenças. Quanto à frequência do uso dessas substâncias, como bem pode-se observar na tabela 4, o grupo LGBTQIAP+ pontuou mais no que se refere ao uso de bebidas alcoólicas [$t(254) = 4,20$; $p = 0,00$], uso de tabaco e derivados [$t(254) = 3,90$; $p = 0,00$] e uso de maconha [$t(254) = 2,54$; $p = 0,01$]. Neste caso, o tamanho do efeito foi de 0,52 para bebidas alcoólicas, 0,49 para tabaco e derivados e 0,32 para uso de maconha.

Por outro lado, ao se analisar os itens que questionavam se os sujeitos da amostra consideravam que tinham uma relação problemática ou inadequada com as substâncias mencionadas, o panorama muda. Neste cenário, o teste t de *Student* apontou apenas uma diferença significativa entre os dois grupos: no uso de tabaco e derivados. Sob essa ótica, entre os LGBTQIAP+ houve uma percepção maior de relação problemática com o tabaco ($M = 1,46$; $DP = 1,18$) quando comparados com os heterossexuais ($M = 1,26$; $DP = 0,63$).

Entre os LGBTQIAP+, a cyber vitimização se correlacionou positivamente com a percepção de uso problemático de derivados do tabaco ($r = 0,22$; $p = 0,01$) e sua frequência ($r = 0,22$; $p = 0,01$). Isso foi observado também na percepção de uso problemático de álcool ($r = 0,18$; $p = 0,05$). Entre os heterossexuais isto se repete apenas na percepção de uso problemático ou inadequado de derivados do tabaco ($r = 0,20$; $p = 0,02$).

Gênero e raça

Com intuito de aprofundar este estudo, foram feitas ainda análises referentes à diferenças de gênero e raça. Testes *t* de *Student* para amostras independentes foram aplicados para comparar as médias de cyber vitimização, na tendência ao suicídio, na frequência e na percepção dos sujeitos sobre sua relação com substâncias lícitas e ilícitas.

A cyber vitimização teve maiores níveis entre aqueles que se denominaram do gênero masculino, [$t(254) = -2,11$; $p = 0,04$; $M = 1,83$; $DP = 0,62$] quando comparados com os pertencentes ao gênero feminino ($M = 1,66$; $DP = 0,56$). O mesmo se aplica ao uso exagerado de smartphone ($p = 0,04$). Neste caso, a média do gênero masculino foi de 3,07, enquanto o gênero feminino pontuou 2,81. Foram ainda encontradas diferenças significativas na frequência do uso de tabaco, $t(254) = -2,88$; $p = 0,01$ e maconha, $t(254) = -2,25$; $p = 0,05$. Mais uma vez o gênero masculino teve maiores escores [$(M = 1,84$; $DP = 1,34)$; $(M = 1,77$; $DP = 1,40)$] em comparação com o feminino ($M = 1,40$; $DP = 1,00$) ($M = 1,42$; $DP = 0,98$). Quanto à percepção de uso problemático ou inadequado de substâncias, a única diferença significativa encontrada foi no que diz respeito ao uso do tabaco e seus derivados, $t(254) = -2,48$ $p = 0,01$.

Não foram encontradas diferenças significativas entre brancos e pardos/mestiços e entre brancos e pretos no grupo heterossexual no que se refere aos constructos mencionados anteriormente. No grupo LGBTQIAP+, no entanto, os brancos ($M = 3,18$; $DP = 0,89$) quando

comparados a pardos e mestiços ($M = 2,74$; $DP = 0,97$) pontuaram mais na escala de uso exagerado de smartphones, $t(112) = 2,17$; $p = 0,035$. Ainda no grupo LGBTQIAP+ foi identificada uma diferença significativa entre brancos ($M = 1,69$; $DP = 0,56$) e pardos/mestiços ($M = 2,14$; $DP = 0,77$) em termos de cyber vitimização, $t(112) = -3,40$; $p = 0,001$. Como é possível observar, nesse caso, os pardos/mestiços relataram maiores índices de vitimização por cyberbullying.

Mediações

Foram feitas análises de mediação no software JAMOV 1.6.23 com o objetivo de investigar a hipótese de que a dependência por smartphone poderia mediar a relação entre cyber vitimização e tendência ao suicídio. Com base na força das correlações observadas nas sessões anteriores, o fator repulsão à morte foi escolhido como variável dependente (dentro da tendência ao suicídio). Estas análises foram feitas com os grupos separados. Primeiramente, com o grupo LGBTQIAP+.

Os resultados evidenciaram que no caso deste grupo LGBTQIAP+, a relação entre a cyber vitimização e a repulsão à vida (efeito direto: $\lambda = 0,289$, IC 95% = 0,070/0,508, $p = 0,010$) não é mediada pela variável proposta, ou seja, a dependência por smartphones (efeito indireto: $\lambda = 0,017$, IC 95% = -0,021/0,056, $p = 0,376$). Desse modo, conclui-se que a dependência por smartphone não explica a relação entre a vitimização por cyberbullying. Na Figura 6, pode-se perceber melhor, tanto a relação entre a vitimização por cyberbullying e repulsão a vida, quanto entre a cyber vitimização e a dependência por smartphone. Por fim, pode-se observar tanto o efeito total quanto o efeito direto.

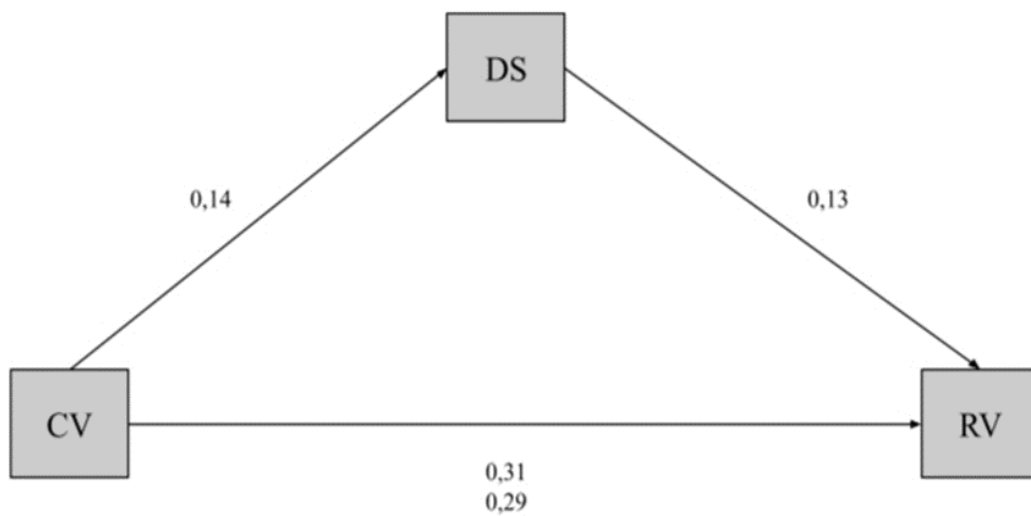


Figura 6 - Dependência de smartphone como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo LGBTQIAP+

Essa mesma análise foi operada no grupo heterossexual. Os resultados podem ser melhor observados na Figura 7. Da mesma forma, nesse grupo, apesar de existir uma relação significativa entre a cyber vitimização e a repulsão à vida (efeito direto: $\lambda = 0,37$, IC 95% =

0,103/0,645, $p = 0,01$), a dependência por smartphone não atuou como variável mediadora dentro da relação (efeito indireto: $\lambda = -0,032$, IC 95% = -0,103/0,876, $p = 0,38$).

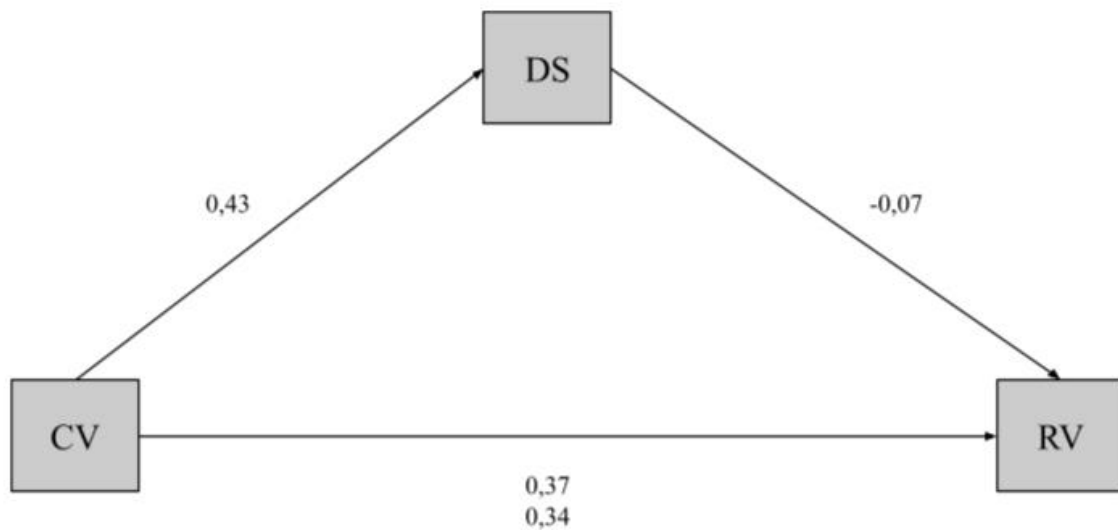


Figura 7 - Dependência de smartphone como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo heterossexual

Ainda com base nas análises anteriores, a frequência de uso de tabaco e derivados foi escolhida como possível variável mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida. No grupo LGBTQIAP+, apesar de ter sido observada a relação entre a vitimização por cyberbullying e repulsão à vida (efeito direto: $\lambda = 0,330$, IC 95% = 0,105/0,555, $p = 0,004$), esta não foi mediada pela frequência do uso de tabaco (efeito indireto: $\lambda = -0,023$, IC 95% = -0,076/0,029, $p = 0,383$). Isto pode ser observado na Figura 8.

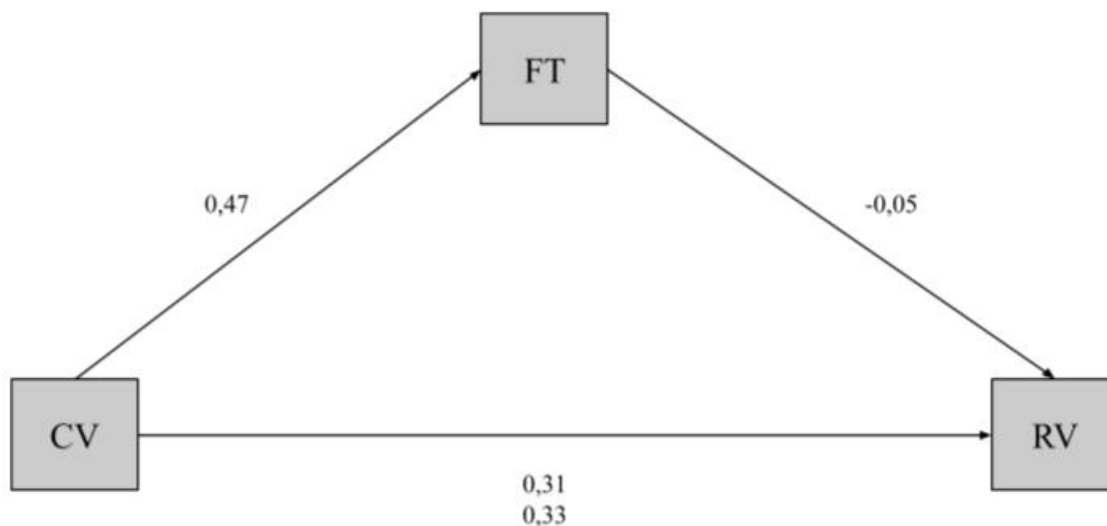


Figura 8 - Frequência de uso de tabaco e derivados como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo LGBTQIAP+

Finalmente essa mesma investigação foi feita no grupo heterossexual. Apesar de a cyber vitimização ter se relacionado com a repulsão à vida (efeito direto: $\lambda = 0,359$, IC 95% = 0,092/0,627, $p = 0,009$) e com o uso de tabaco, este uso não mediou a relação entre as duas variáveis anteriormente citadas (efeito indireto: $\lambda = -0,018$, IC 95% = -0,071/0,036, $p = 0,520$). Mais detalhes dos efeitos podem ser observados na Figura 9.

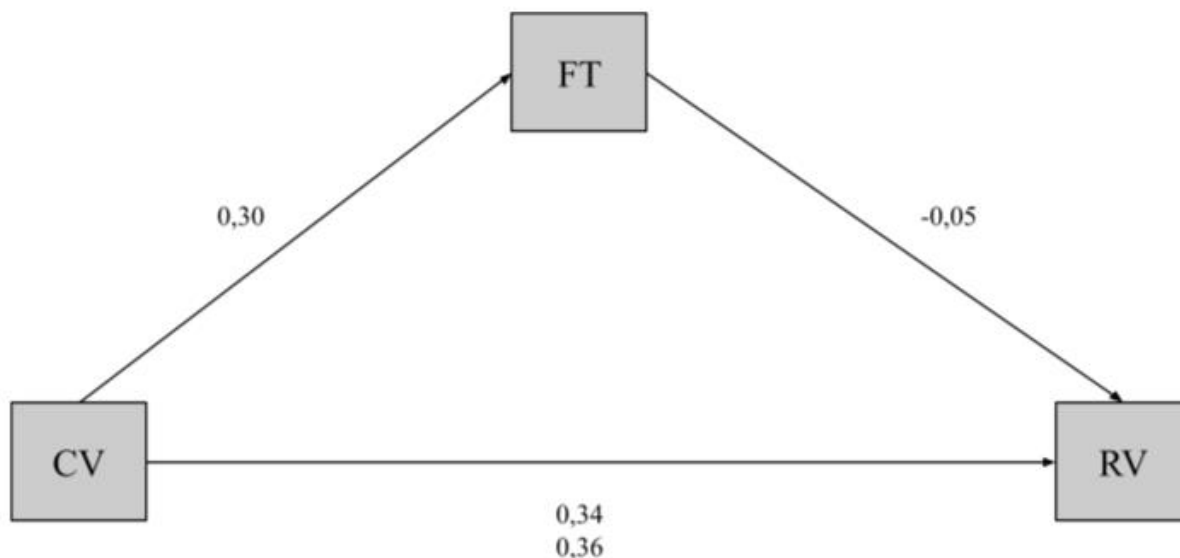


Figura 9 - Frequência de uso de tabaco e derivados como mediadora na relação entre cyber vitimização e repulsão à vida no grupo heterossexual.

Tais resultados vão de encontro as hipóteses iniciais deste estudo. Levam a crer que a dependência em smartphone e o uso de derivados do tabaco e outras substâncias, sejam lícitas ou ilícitas, apesar de se correlacionarem com a cyber vitimização, não necessariamente explicam a relação entre ela e a tendência ao suicídio.

DISCUSSÃO

Esse estudo teve como objetivo verificar as relações entre cyber vitimização, tendência ao suicídio, uso exagerado de smartphone e frequência e uso inadequado de substâncias. De modo mais específico, foram feitas análises de mediação com intuito de testar a possibilidade do uso exagerado de smartphone e frequência ou uso inadequado de substâncias como variáveis mediadoras dentro da relação entre cyber vitimização e tendência ao suicídio.

Mais uma vez, importa dizer que a amostra em questão se caracterizou como majoritariamente branca e de classe média. Seus participantes em sua maioria possuíam ou estavam cursando uma graduação. Soma-se a isto, o fato destes dados terem sido coletados virtualmente em meio uma pandemia mundial. Esses detalhes devem ser lembrados ao se olhar para os resultados obtidos.

Primeiramente, os dados apontaram uma correlação entre a cyber vitimização e a repulsão à vida. Isso não é uma novidade. Estudos diversos já apontam que estar envolvido em eventos de cyberbullying está associado não só a sintomas depressivos e de ansiedade, mas também maiores níveis de ideação suicida, tendência ao suicídio e automutilação (Peng et al. 2020; Rodelli et al., 2020; Kim et al., 2020; Tokunaga, 2010). É importante observar que dos cinco itens referentes à repulsão à vida, quatro deles estão intrinsicamente relacionados à esfera social do sujeito (Ex.: “Às vezes sinto que minha família vai estar melhor sem mim”). Nessa direção, é válido frisar a relevância das relações sociais/apoio social nessa dinâmica. Estudos como os de Olatunji et al., (2020) já colocam que maiores níveis de apoio familiar predizem significativamente uma diminuição em termos de ideação suicida. Por outro lado, Handono et al. (2019) notam uma relação negativa entre o suporte de amigos e envolvimento em cyberbullying.

Em concordância com outros estudos recentes (Bonny-Noach & Shechory-Bitton, 2020; Han et al. 2020, McCabe et al., 2020), nessa amostra, aqueles que se autointitularam LGBTQIAP+ relataram maior frequência no uso de substâncias como álcool, tabaco e maconha. Quando perguntados sobre sua percepção de uso problemático/inadequado de substâncias, a única substância em que foi encontrada uma diferença significativa, foi o tabaco. Mais uma vez o grupo LGBTQIAP+ pontuou mais.

Azagba e Shan (2021), em pesquisa sobre o tema, concluem que o pertencimento a minorias sexuais está associado à frequência de uso de tabaco, especialmente cigarros eletrônicos, e que em virtude da maior vulnerabilidade deste grupo, estes seriam dados que requerem uma atenção especial. Antin et al. (2018), ao discutirem sobre os significados do fumar para minorias sexuais e de gênero percebem que para estes, o ato de fumar vem como uma forma de “controle” diante de estresses e opressões diárias, controle do corpo e uma proteção contra violências e problemas de saúde mental. Esta linha de raciocínio já diz um pouco sobre a ponte entre uso problemático do tabaco e problemas de cunho psicológico.

Não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos na dependência de smartphone. Para além disso, essa dependência não esteve correlacionada a cyber vitimização. Esse achado especificamente, vai de encontro aos de Peláez-Fernández (2021). Suas análises revelaram associações positivas entre a vitimização por cyberbullying e o uso problemático de tecnologias. Lee et al. (2019), ao trabalharem especificamente com o bullying homofóbico, trazem que este tipo de violência sofrido na infância está associado ao uso excessivo de internet e smartphone em idade mais avançada. Tendo em vista o que a literatura revela sobre o assunto, esse é um fator que não deve ser descartado neste contexto.

Como já exposto anteriormente, algumas diferenças de gênero e raça também foram encontradas dentro desses grupos. Dois detalhes pedem especial atenção. O fato de os homens pontuarem mais no que diz respeito à frequência do uso de substâncias e o de, entre os LGBTQIAP+, os pardos e mestiços relarem maiores níveis de cyber vitimização.

A respeito do uso de substâncias, como já explicitado, a literatura já expõe uma associação positiva entre o aumento do uso e o aparecimento de queixas de saúde mental como ansiedade e depressão (Kim, 2021). Algumas nuances no que se refere a gênero podem ser encontradas em outras pesquisas. Em estudo sobre o assunto, Madruga et al. (2012),

conclui que adolescentes de áreas urbanas, do sexo masculino, apresentam problemas com álcool e outras substâncias. Por outro lado, homens gays quando comparados a heterossexuais, estiveram mais propensos a procurar ajuda em função do uso problemático de substâncias (Dyar et al., 2021).

As mesmas especificidades que podem ser encontradas na dinâmica de gênero, em termos, de raça/etnia. Em estudo comparativo, quando perguntados se a questão de raça teve um papel importante no evento de cyberbullying, 53,7% das vítimas negras afirmaram que sim. Nesse aspecto, apenas 17,3% das vítimas brancas responderam positivamente. Ainda nesse contexto, as vítimas negras relataram maiores níveis de solidão quando comparadas às vítimas brancas (Kowalski et al., 2020). Mais uma vez, aspectos contextuais e demográficos se mostram relevantes.

Acerca da não confirmação das hipóteses relativas ao papel mediador da dependência por smartphones e a frequência de tabaco, é interessante perceber que, mesmo que neste caso eles não tenham explicado a relação entre o cyberbullying e a tendência ao suicídio, em nenhum dos dois grupos esses elementos atravessam este contexto. Em investigação de cunho longitudinal, Gámez-Guadix et al. (2013) destacam o fato da vitimização por cyberbullying predizer não só sintomas depressivos, mas também o uso problemático de internet. Em outro estudo, o tempo gasto online também é apontado como correlacionado à cyber vitimização (Kowalski et al., 2014). Arrivillaga et al. (2020) destacam a relação positiva do uso problemático de internet e ideação suicida. Neste caso, essa relação foi moderada pela inteligência emocional.

Apesar de não terem sido encontrados na literatura outros estudos que testaram o uso de tabaco como mediador na relação cyberbullying e tendência ao suicídio – o que mostra a necessidade de mais estudos sobre o assunto –, estes constructos ou constructos semelhantes

já foram analisados de outras formas. Pesquisas recentes apontam a relação positiva entre cyber vitimização e uso de álcool, tabaco (incluindo cigarros eletrônicos), maconha e outras substâncias (Graham & Wood, 2019; Ihongbe et al., 2021). Por outro lado, envolvimento em episódios de cyberbullying já é apresentado como associado a maiores níveis de ideação suicida (Rodelli et al., 2018).

DISCUSSÃO GERAL

O presente estudo consegue cumprir com os objetivos traçados e responder às perguntas de pesquisa, trazendo assim um vislumbre atual de como o cyberbullying pode estar associado a diversos problemas de saúde mental e de como o problema fica mais complexo quando olhado da perspectiva das minorias sociais, neste caso, especificamente as minorias sexuais. Trocando em miúdos, os três estudos confirmam uma associação positiva entre ser vítima de cyberbullying e apresentar queixas de saúde mental e, mais que isso, pertencer a minorias sexuais e reportar mais eventos de cyberbullying.

Passeando primeiramente pelo primeiro estudo, fica evidente a necessidade de se levar em conta categorias sociais específicas dentro do campo da saúde mental e da própria violência. A maioria das pesquisas demonstram quão específico podem ser ambos os fenômenos quando se leva em conta não só a sexualidade, mas classe social, gênero, raça/etnia, idade e tantas outras categorias analíticas.

Em vista da predominância do Modelo de Estresse de Minorias, como base para boa parte das pesquisas da amostra final, essa foi selecionada como alicerce para a dissertação e os estudos empíricos empreendidos em seguida. Ademais, a revisão consegue indicar uma série de variáveis, sejam elas externas ou internas que ainda não foram exploradas dentro da literatura, como variáveis mediadoras ou como variáveis moderadoras. Dentre estas, cita-se as

que foram selecionadas para serem trabalhadas nos dois estudos empíricos: o apoio social, a autoeficácia em atividades físicas, o uso problemático de substâncias e o uso exagerado de smartphones.

Nos dois estudos empíricos é perceptível uma diferença entre os resultados dos indicadores Florence de Cyber Agressão – Cyber vitimização e o *single* item que questiona se o participante viveu algum episódio de cyber vitimização na época da escola. A escala, que se refere a eventos de cyberbullying nos 3 meses anteriores, não apontou diferenças significativas entre o grupo LGBTQIAP+ e o grupo heterossexual. No *single* item, no entanto, o grupo LGBTQIAP+ reportou mais eventos de vitimização por cyberbullying. Esses dados parecem demonstrar uma maior recorrência de vitimização entre as minorias sexuais na infância e adolescência. Situação que parece se alterar com o passar dos anos, o que está em congruência com o que Barillet (2017) pontua sobre a diminuição dos eventos de cyberbullying a partir da idade adulta.

Em ambos os estudos empíricos, o pressuposto de que reportar eventos de cyber vitimização (um estressor) poderia estar associado a queixas de saúde mental entre minorias sexuais foi confirmado. Entre aqueles que se autodenominaram LGBTQIAP+, a cyber vitimização esteve associada de forma positiva e significativa tanto ao estresse, ansiedade e depressão quanto à repulsão à vida. Este é um achado importante, na medida em que está em concordância com o Modelo do Estresse de Minorias, que argumenta que eventos de violência e discriminação – neste caso, eventos distais – têm impactos na esfera da saúde mental (Meyer, 2003).

Como visto na descrição do Modelo do Estresse de Minorias, existem alguns elementos que podem atuar como fatores podem diminuir ou aumentar o impacto (*coping* ou apoio social) da violência nas queixas de problemas de saúde mental (Meyer, 1995). Nesta

dissertação, o apoio social e a autoeficácia em atividades físicas foram lidos dentro da teoria como formas de *coping* adaptativo em detrimento do uso problemático de substâncias e smartphones que foram entendidos como formas de *coping* mal adaptativas. Seguindo esta linha de pensamento, os dois primeiros elementos foram testados como possíveis fatores moderadores e os dois últimos como fatores mediadores. Três dessas quatro possibilidades são novas dentro da literatura.

A não confirmação das hipóteses de pesquisa citadas anteriormente, não anulam a validade da teoria, mas conduzem a novas perguntas sobre o assunto. As amostras de um modo geral acabam demonstrando uma relação negativa entre a percepção de apoio social e escores de depressão. É significativa também a relação entre uso problemático de bebidas alcoólicas e atração pela morte. Estes são sinais de que o apoio social e o estilo de *coping* do indivíduo tem sim uma relação com queixas de saúde mental, o que, mais uma vez, está em congruência com a teoria de Meyer (2003).

O fato da população LGBTQIAP+ ter reportado mais o uso substâncias, sejam elas bebidas alcoólicas, tabaco e maconha, quando comparada a população heterossexual, demonstra a possibilidade de um *coping* não adaptativo ou negativo diante das adversidades, o que talvez seja um sinal de vulnerabilidade para essa população em específico. Com base nesses achados, e fazendo a ponte com as ideias de Meyer (2003), ficam evidentes diferenças entre heterossexuais e não heterossexuais dentro do campo da saúde mental. Os dados apontam ainda para importância de fatores distais como a discriminação e episódios de violência como o próprio cyberbullying. Em síntese, fica manifesta a relevância de fatores como o apoio social e formas de *coping* dentro da teoria e da própria dissertação.

Sendo o *coping* um componente de destaque nesse estudo, cabe ressaltar que estudos recentes chamam a atenção para o fato de que a população LGBTQIAP+ faz uso não só do

álcool, maconha e outras substâncias, mas de comportamentos alimentares adversos e automutilação como forma de *coping* para lidar com eventos estressantes (Boyle et al. 2017; Krueger et al. 2021; Walukevich-Dienst et al. 2019). Esses achados sugerem uma demanda de intervenções voltadas para o ensino de estratégias mais adaptativas diante das adversidades e um trabalho educativo e de promoção à saúde voltado para a prevenção e redução dos danos ligados ao uso problemático de substâncias (Lopes & Gonçalves, 2018).

O *coping* e o próprio apoio social – que pode ser considerado uma estratégia de *coping* – empregados diante de situações ameaçadoras, são formas de enfrentamento de problemas (violência, preconceito, discriminação) que, de fato, não deveriam ser necessários. Mais que procurar ferramentas com as quais as vítimas devem lidar diante dessas situações, é necessário pensar na prevenção desse tipo de violência. Nesse sentido, se torna imperativo falar sobre o cyberbullying, sobre a homofobia e sobre todas as configurações em que ela pode se manifestar. O melhor caminho para prevenir ainda é através do diálogo e da educação. Esse é um trabalho prático e político que pode e deve ser feito em esferas como a governamental, escolar, familiar e na comunidade em geral. É preciso disseminar informações sobre o uso saudável da internet e acima de tudo sobre preconceito e discriminação (Ash-Houchen et al. 2018; Elbedour et al. 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência no ambiente digital e suas consequências na saúde mental daqueles que estão envolvidos é um tema caro à sociedade nesse momento. Suas configurações e a quem esse tipo de violência é direcionada falam muito sobre o *status quo*. O neoliberalismo, apesar de promover um contínuo avanço em termos de tecnologia, dissemina também uma cultura narcísica, impaciente, competitiva em que a alteridade e a capacidade de ver o outro como semelhante, mesmo diante das diferenças, se dissolve (Dunker, 2020; Safatle et al. 2021).

Os contínuos ataques cibernéticos que têm se assistido são reflexo de uma sociedade doente e violenta também na vida real e concreta. É preciso falar sobre isso e mais que isso, buscar alternativas para mitigar essa crescente de ataques. Levando em consideração esse panorama, essa dissertação consegue trazer à tona reflexões pertinentes sobre o assunto, a partir do levantamento de dados que relevam correlações entre cyber vitimização e problemas na saúde mental, maior recorrência de cyber vitimização de minorias sexuais na época da escola e maior frequência de uso de substâncias por parte deste mesmo grupo quando comparado a heterossexuais cisgênero.

Apesar da relevância, os estudos empreendidos aqui ainda possuem algumas limitações que devem ser explicitadas. Primeiramente, se faz necessário relembrar que a população dos dois estudos empíricos é majoritariamente branca, de classe média, solteira e teve ou tem acesso ao ensino superior. Os resultados obtidos são importantes na medida em que dão conta dessa população, mas não podem ser generalizados.

Há uma tendência, nos estudos englobados pela revisão sistemática de se olhar a temática a partir de uma perspectiva interseccional. Aqui, é importante entender a interseccionalidade como um instrumento teórico metodológico que propõe uma análise com base não na separação, mas sobreposição de categorias identitárias como gênero, raça e classe (Akotirene, 2019). Assim, como colocam Stol & Block (2015), a premissa básica do pensamento interseccional é que as opressões relacionadas a categorias tais como gênero, raça, classe, sexualidade não podem ser compreendidas de forma isolada. É preciso pensar nas possibilidades de seus entrecruzamentos.

Intersecções com gênero e raça e a qual grupo dentro da comunidade LGBTQIAP os participantes pertenciam também foram vistos como fatores relevantes. Pistella et al. (2019), por exemplo, notaram que em comparação com os homens, as mulheres de minorias sexuais

tendem a ter uma relação mais problemática com o peso. Já Feinstein et. al (2019) perceberam que quando comparados a homens bissexuais brancos, os negros correm maior risco de apresentarem problemas de saúde mental. Aparicio-García et al. (2018) em seu estudo, pontuam também que aqueles que se apresentam como não-binários são os que correm maior risco de sofrer vitimização por cyberbullying e estes, junto com os transsexuais, são os que têm os piores escores no aspecto da saúde psicológica.

Estudos futuros devem se dedicar a abranger subgrupos não contemplados, como transgêneros e não-binários. Partindo de uma perspectiva interseccional, é imprescindível que a comunidade científica se aprofunde na temática fazendo análises que abranjam a multiplicidade de categorias analíticas que podem estar envolvidas no fenômeno. Aqui se pode citar raça/etnia, gênero, classe social, idade etc.

Ambos os estudos empíricos foram de caráter transversal. Dado que ainda existem lacunas referentes à associação entre idade e eventos de cyberbullying (Barllet, 2017). Um estudo longitudinal, poderia esclarecer hipóteses e perguntas ainda não respondidas. Paralelo a isso, apesar da amostra ser expressiva, quando se partiu para as análises comparativas e de moderação, por exemplo, ela decaiu para a metade, o que pode ter interferido nos resultados. Desta forma, é indicado que estudos futuros trabalhem com amostras mais robustas.

Especificamente, quanto à não confirmação da hipótese de que a autoeficácia em atividade física poderia atuar também como um moderador, frisamos que o instrumento utilizado não necessariamente contabilizou a frequência de atividade física dos entrevistados. Isto é algo que deve ser corrigido em outras pesquisas, dado que a autoeficiência também não se encaixa dentro no conceito de *coping*, o que provavelmente interferiu nos resultados. Visto que a atividade física é colocada não só como uma forma de *coping* que mitiga o aparecimento de queixas de problemas na saúde mental, mas que está associada a outras

estratégias adaptativas mais saudáveis diante do estresse (Hoying et al. 2016; Sousa et al. 2018), seria vantajoso que outros estudos se dedicassem a quantificar esta frequência em exercícios físicos.

Por fim, à luz de nossos dados, ficou notória a predominância de estudos quantitativos conduzidos majoritariamente nos Estados Unidos e na China. Aparício-Garcia et al. (2018), por exemplo, já chama atenção para a necessidade estudos qualitativos que busquem entender os motivos por trás da menor sociabilidade daqueles que pertencem a minorias sexuais. Barillet et al. (2021) em estudo sobre o cyberbullying destacam que a cultura é uma variável importante quando se fala no assunto, e dependendo do local em que o fenômeno acontece, ele pode se apresentar de formas diferentes. Dessa forma, pesquisas futuras podem também se debruçar nessas lacunas da literatura: a cultura e a produção de análises mais qualitativas, conferindo assim uma maior complexidade e riqueza de detalhes aos tópicos que a comunidade científica já produziu sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- Abreu, R. L., & Kenny, M. C. (2018). Cyberbullying and LGBTQ youth: A systematic literature review and recommendations for prevention and intervention. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11(1), <https://doi.org/10.1007/s40653-017-0175-7>
- Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Albdour, M., Hong, J. S., Lewin, L., & Yarandi, H. (2019). The Impact of Cyberbullying on Physical and Psychological Health of Arab American Adolescents. *Journal of Immigrant and Minority Health*, 21(4), 706–715. <https://doi.org/10.1007/s10903-018-00850-w>
- Ali, W. N. A. W., Ni, T. Q., & Idrus, S. Z. S. (2020). Social Media Cyberbullying: Awareness and Prevention through Anti Cyberbully Interactive Video (ACIV). *Journal of Physics: Conference Series*, 1529(3). <https://doi.org/10.1088/1742-6596/1529/3/032071>
- Alves, A. A. M., & Rodrigues, N. F. R. (2010). Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28(2), 127-131. [https://doi.org/10.1016/S0870-9025\(10\)70003-1](https://doi.org/10.1016/S0870-9025(10)70003-1)
- Andrade, J. P., Patrício, D., Oliveira, H., & Santos, R. (2020). Análise do alinhamento cervical na utilização excessiva do smartphone em universitários. *Revista Brasileira de Saúde Funcional*, 12(1), 10-10.
- Antin, T. M. J., Hunt, G., & Sanders, E. (2018). The “here and now” of youth: The meanings of smoking for sexual and gender minority youth. *Harm Reduction Journal*, 15(1), 1–11. <https://doi.org/10.1186/s12954-018-0236-8>
- Aparicio-García, M. E., Díaz-Ramiro, E. M., Rubio-Valdehita, S., López-Núñez, M. I., & García-Nieto, I. (2018). Health and well-being of cisgender, transgender and non-binary young people. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(10), 2133. <https://doi.org/10.3390/ijerph15102133>
- Apóstolo, J. L. A., Figueiredo, M. H., Mendes, A. C., & Rodrigues, M. A. (2011). Depressão, ansiedade e estresse em usuários de cuidados primários de saúde. *Revista Latino-*

Americana de Enfermagem, 19(2), 348–353. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000200017>

Aquino, T. A. A. (2009). *Atitudes e intenções de cometer o suicídio: Seus correlatos existenciais e normativos* (Doctoral dissertation, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte).

Arrivillaga, C., Rey, L., & Extremera, N. (2020). Adolescents' problematic internet and smartphone use is related to suicide ideation: Does emotional intelligence make a difference?. *Computers in human behavior*, 110, 106375. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106375>

Ash-Houchen, W., & Lo, C. C. (2018). Intersections of gender and sexual minority status: Co-occurring bullying victimization among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 80, 262-270. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.11.023>

Azagba, S., & Shan, L. (2021). Disparities in the frequency of tobacco products use by sexual identity status. *Addictive Behaviors*, 122, 107032. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2021.107032>

Barbosa, B. R. S. N., & de Medeiros, R. A. (2018). Direito, saúde e suicídio: Impactos das leis e decisões judiciais na saúde dos jovens LGBT. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 8(3).

Balakrishnan, V., Khan, S., & Arabnia, H. R. (2020). Improving cyberbullying detection using Twitter users' psychological features and machine learning. *Computers & Security*, 90, 101710. <https://doi.org/10.1016/j.cose.2019.101710>

Barlett, C. P., Seyfert, L. W., Simmers, M. M., Hsueh Hua Chen, V., Cavalcanti, J. G., Krahé, B., ... Skowronski, M. (2021). Cross-cultural similarities and differences in the theoretical predictors of cyberbullying perpetration: Results from a seven-country study. *Aggressive Behavior*, 47(1), 111–119. <https://doi.org/10.1002/ab.21923>

Barlett, C. P., & Chamberlin, K. (2017). Examining cyberbullying across the lifespan. *Computers in Human Behavior*, 71, 444–449. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.02.009>

Barlett, C. P. (2019). Correlates of Cyberbullying. *Predicting Cyberbullying*, (2014), 17–27. <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-816653-6.00003-0>

- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of personality and social psychology*, 51(6), 1173.
- Becerra, M. B., Arias, D., Cha, L., & Becerra, B. J. (2021). Self-esteem among college students: the intersectionality of psychological distress, discrimination and gender. *Journal of Public Mental Health*, 20(1), 15–23. <https://doi.org/10.1108/JPMH-05-2020-0033>
- Ben, J. D. D., Crespo, M. A., Ruiz, E., & Raya-gonz, J. (2021). Relationship between Amount , Type , Enjoyment of Physical Activity and Physical Education Performance with Cyberbullying in Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18, 1–12.
- Benítez-Sillero, J. D., Ortega-Ruiz, R., & Romera, E. M. (2021). Victimization in bullying and cyberbullying and organized physical activity: The mediating effect of physical self-concept in adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/17405629.2021.1967136>
- Bonny-Noach, H., & Shechory-Bitton, M. (2020). Differences in substance use by sexual orientation and gender among Jewish young adults in Israel. *Israel Journal of Health Policy Research*, 9(1), 1–10. <https://doi.org/10.1186/s13584-020-00410-4>
- Bortolozzi, R. (2019). Mosaico de Purpurina: Revisitando a História do Movimento LGBT no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação Em Saúde*, 13(3), 691–695. <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i3.1831>
- Bouris, A., Everett, B. G., Heath, R. D., Elsaesser, C. E., & Neilands, T. B. (2016). Effects of Victimization and Violence on Suicidal Ideation and Behaviors among Sexual Minority and Heterosexual Adolescents. *LGBT Health*, 3(2), 153–161. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2015.0037>
- Boyle, S. C., LaBrie, J. W., Costine, L. D., & Witkovic, Y. D. (2017). “It’s how we deal”: Perceptions of LGB peers’ use of alcohol and other drugs to cope and sexual minority adults’ own coping motivated substance use following the Pulse nightclub shooting. *Addictive Behaviors*, 65, 51–55. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.10.001>

- Brown, W. M., Hazraty, S., & Palasinski, M. (2019). Examining the dark tetrad and its links to cyberbullying. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(8), 552-557. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0172>
- Budge, S. L., Adelson, J. L., & Howard, K. A. S. (2013). Anxiety and depression in transgender individuals: the roles of transition status, loss, social support, and coping. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 81(3), 545-557. <https://doi.org/10.1037/a0031774>
- Burnap, P., & Williams, M. L. (2016). Us and them: identifying cyber hate on Twitter across multiple protected characteristics. *Epj Data Science*, 5(1). <https://doi.org/10.1140/epjds/s13688-016-0072-6>
- Byrne, V. L. (2021). Blocking and Self-Silencing: Undergraduate Students' Cyberbullying Victimization and Coping Strategies. *TechTrends*, 65(2), 164-173. <https://doi.org/10.1007/s11528-020-00560-x>
- Caetano, A. P., Amado, J., Martins, M. J. D., Simão, A. M. V., Freire, I., & Pessôa, M. T. R. (2017). Cyberbullying: motivos da agressão na perspetiva de jovens portugueses. *Educação & Sociedade*, 38, 1017-1034. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852>
- Cavalcanti, J. G., Paiva, T. T., Pimentel, C. E., de Lima Pinto, A. V., & de Moura, G. B. (2019). Parâmetros psicométricos das Escalas Florence de Cyber Agressão-Cyber Vitimização. *Psico*, 50(3), 31520-31520. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.3.31520>
- Cénat, J. M., Blais, M., Hébert, M., Lavoie, F., & Guerrier, M. (2015). Correlates of bullying in Quebec high school students: The vulnerability of sexual-minority youth. *Journal of Affective Disorders*, 183, 315-321. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.05.011>
- Cerqueira-Santos, E., Azevedo, H. V. P., & Ramos, M. D. M. (2020). Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. *Revista de Psicologia Da IMED*, 12(2), 7. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3523>

- Cerna, A., Machackova, H., & Dedkova, L. (2016). Whom to trust: The role of mediation and perceived harm in support seeking by cyberbullying victims. *Children and Society*, 30(4), 265–277. <https://doi.org/10.1111/chso.12136>
- Chan, H. C. (Oliver), & Wong, D. S. W. (2017). Coping with cyberbullying victimization: An exploratory study of Chinese adolescents in Hong Kong. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 50, 71–82. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2017.04.003>
- Cooley, J. L., Fite, P. J., Rubens, S. L., & Tunno, A. M. (2015). Peer Victimization, Depressive Symptoms, and Rule-Breaking Behavior in Adolescence: The Moderating Role of Peer Social Support. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37(3), 512–522. <https://doi.org/10.1007/s10862-014-9473-7>
- Davis, E. M., Campbell, M. A., & Whiteford, C. (2018). Bullying victimization in non-heterosexual university students. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 30(3), 299–313. <https://doi.org/10.1080/10538720.2018.1463887>
- Desmet, A., Rodelli, M., Walrave, M., Portzky, G., Dumon, E., & Soenens, B. (2021). The moderating role of parenting dimensions in the association between traditional or cyberbullying victimization and mental health among adolescents of different sexual orientation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(6), 1–20. <https://doi.org/10.3390/ijerph18062867>
- DeSmet, A., Rodelli, M., Walrave, M., Soenens, B., Cardon, G., & De Bourdeaudhuij, I. (2018). Cyberbullying and traditional bullying involvement among heterosexual and non-heterosexual adolescents, and their associations with age and gender. *Computers in Human Behavior*, 83, 254–261. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.010>
- Duarte, C., Pittman, S. K., Thorsen, M. M., Cunningham, R. M., & Ranney, M. L. (2018). Correlation of Minority Status, Cyberbullying, and Mental Health: A Cross-Sectional Study of 1031 Adolescents. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11(1), 39–48. <https://doi.org/10.1007/s40653-018-0201-4>
- Dunker, C. (2020). *Paixão da ignorância: a escuta entre a psicanálise e educação*. Editora Contracorrente.

- Duru, E., & Balkis, M. (2018). Exposure to school violence at school and mental health of victimized adolescents: The mediation role of social support. *Child Abuse and Neglect*, 76(April 2016), 342–352. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.11.016>
- Dyar, C., Morgan, E., Kaysen, D., Newcomb, M. E., & Mustanski, B. (2021). Risk factors for elevations in substance use and consequences during the COVID-19 pandemic among sexual and gender minorities assigned female at birth. *Drug and Alcohol Dependence*, 227(July), 109015. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.109015>
- Elbedour, S., Alqahtani, S., El Sheikh Rihan, I., Bawalsah, J. A., Booker-Ammah, B., & Turner, J. F. (2020). Cyberbullying: Roles of school psychologists and school counselors in addressing a pervasive social justice issue. *Children and Youth Services Review*, 109(October 2019), 104720. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.104720>
- Englander, E., Donnerstein, E., Kowalski, R., Lin, C., & Parti, K. (2017). Defining Cyberbullying. *Pediatrics*, 140, S148–S151. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758U>
- Evans-Polce, R. J., Kcomt, L., Veliz, P. T., Boyd, C. J., & McCabe, S. E. (2020). Alcohol, Tobacco, and Comorbid Psychiatric Disorders and Associations with Sexual Identity and Stress-Related Correlates. *American Journal of Psychiatry*, 177(11), 1073–1081. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2020.20010005>
- Eyuboglu, M., Eyuboglu, D., Pala, S. C., Oktar, D., Demirtas, Z., Arslantas, D., & Unsal, A. (2021). Traditional school bullying and cyberbullying: Prevalence, the effect on mental health problems and self-harm behavior. *Psychiatry Research*, 297(June 2020), 113730. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113730>
- Escobar-Viera, C. G., Shensa, A., Sidani, J., Primack, B., & Marshal, M. P. (2020). Association between LGB sexual orientation and depression mediated by negative social media experiences: national survey study of us young adults. *JMIR Mental Health*, 7(12), 23520. doi:10.2196/23520
- Facchini, R., & França, I. L. (2009). De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, (3), 54-81.

- Fachado, A. A., Martinez, A. M., Villalva, C. M., & Pereira, M. G. (2007). Cultural adaptation and validation of the Medical Outcomes Study Social Support Survey questionnaire (MOS-SSS). *Acta medica portuguesa*, 20(6), 525-34.
- Feinstein, B. A., Turner, B. C., Beach, L. B., Korpak, A. K., & Phillips, G. (2019). Racial/ethnic differences in mental health, substance use, and bullying victimization among self-identified bisexual high school-aged youth. *LGBT health*, 6(4), 174-183. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2018.0229>
- Felmlee, D., Rodis, P. I., & Francisco, S. C. (2018). What a b!tch!: Cyber aggression toward women of color. *Advances in Gender Research*, 26, 105–123. <https://doi.org/10.1108/S1529-212620180000026008>
- Fonseca, R. A. G. da, & Ribeiro, D. I. (2020). Início Do Movimento Político Lgbt No Brasil, Cultura E Visibilidade De Identidades Sexuais Femininas / Beginning of the Lgbt Political Movement in Brazil, Culture and Visibility of Female Sexual Identities. *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 94739–94749. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-091>
- Fundo Brasil (2021) A LGBTFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. *Fundo Brasil*. Recuperado em fevereiro 2, 2022, em <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>
- G1 PB (2021, agosto 31) Lei cria programa de combate ao cyberbullying na Paraíba após morte do filho de Walkyria Santos. *G1*. Recuperado em fevereiro 2, 2022, em <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/08/31/lei-cria-programa-de-combate-ao-cyberbullying-na-paraiba.ghtml>
- Gámez-Guadix, M., Orue, I., Smith, P. K., & Calvete, E. (2013). Longitudinal and reciprocal relations of cyberbullying with depression, substance use, and problematic internet use among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 53(4), 446–452. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.03.030>

- Garaigordobil, M., & Larrain, E. (2020). Acoso y ciberacoso en adolescentes LGTB: Prevalencia y efectos en la salud mental. *Comunicar*, 28(62), 79-90.
<https://doi.org/10.3916/C62-2020-07>
- García-Hermoso, A., Hormazabal-Aguayo, I., Oriol-Granado, X., Fernández-Vergara, O., & Del Pozo Cruz, B. (2020). Bullying victimization, physical inactivity and sedentary behavior among children and adolescents: A meta-analysis. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 17(1), 1–10. <https://doi.org/10.1186/s12966-020-01016-4>
- Giménez Gualdo, A. M., & Carrión Del Campo, J. L. (2018). EL profesorado ante el cyberbullying: Necesidades formativas, capacidad de actuación y estrategias de afrontamiento. *Bordon, Revista de Pedagogia*, 70(1), 43–56.
<https://doi.org/10.13042/Bordon.2018.52067>
- Gimenez, M. Q. (2015). Movimento LGBT, a memória de um espaço - tempo – humano. *Temporalidades - Revista Discente Do Programa de Pós-Graduação Em História Da UFMG*, 7(2), 346–367.
- Gomes, M., Brum, T. G., Zanon, B. P., Moreira, S. X., & Anversa, E. T. R. (2021). A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura / Violence to LGBT people: a narrative review of literature. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(3), 13903–13924. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-327>
- Gonzales, G., Loret de Mola, E., Gavulic, K. A., McKay, T., & Purcell, C. (2020). Mental Health Needs Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender College Students During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Adolescent Health*, 67(5), 645–648.
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.006>
- Gorenstein, C., Wang, Y. P., & Hungerbühler, I. (2015). Instrumentos de avaliação em saúde mental. Artmed Editora.
- Guarini, A., Menin, D., Menabò, L., & Brighi, A. (2019). RPC teacher-based program for improving coping strategies to deal with cyberbullying. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(6).
<https://doi.org/10.3390/ijerph16060948>

- Graham, R., & Wood, F. R. (2019). Associations between cyberbullying victimization and deviant health risk behaviors. *Social Science Journal*, 56(2), 183–188.
<https://doi.org/10.1016/j.soscij.2018.05.005>
- Han, B. H., Miyoshi, M., & Palamar, J. J. (2020). Substance Use Among Middle-Aged and Older Lesbian, Gay, and Bisexual Adults in the United States, 2015 to 2017. *Journal of General Internal Medicine*, 35(12), 3740–3741. <https://doi.org/10.1007/s11606-020-05635-2>
- Ho, T. T. Q., Li, C., & Gu, C. (2020). Cyberbullying victimization and depressive symptoms in Vietnamese university students: Examining social support as a mediator. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 63, 100422.
<https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2020.100422>
- Hoying, J., & Melnyk, B. M. (2016). COPE: A Pilot Study With Urban-Dwelling Minority Sixth-Grade Youth to Improve Physical Activity and Mental Health Outcomes. *The Journal of School Nursing*, 32(5), 347–356. 10.1177/1059840516635713
- Hu, H.-F., Chang, Y.-P., Lin, C., & Yen, C.-F. (2019). Quality of life of gay and bisexual men during emerging adulthood in Taiwan: Roles of traditional and cyber harassment victimization. *PLoS ONE*, 14(2). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0213015>
- Ihongbe, T. O., Olayinka, P. O., & Curry, S. (2021). Association Between Bully Victimization and Vaping Among Texas High School Students. *American Journal of Preventive Medicine*, 000(000). <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2021.06.004>
- Islam, M. I., Khanam, R., & Kabir, E. (2020). Bullying victimization, mental disorders, suicidality and self-harm among Australian high schoolchildren: Evidence from nationwide data. *Psychiatry Research*, 292(February), 113364.
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113364>
- Kenny, K. S., Merry, L., Brownbridge, D. A., & Urquia, M. L. (2020). Factors associated with cyber-victimization among immigrants and non-immigrants in Canada: a cross-sectional nationally-representative study. *BMC Public Health*, 20(1), 1–13.
<https://doi.org/10.1186/s12889-020-09492-w>

- Kim, Y. K. (2021). Gender-moderated associations between adolescent mental health, conventional substance use, and vaping. *Children and Youth Services Review*, 129(January), 106193. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106193>
- Kim, J. H., Walsh, E., Pike, K., & Thompson, E. A. (2020). Cyberbullying and Victimization and Youth Suicide Risk: The Buffering Effects of School Connectedness. *Journal of School Nursing*, 36(4), 251–257. <https://doi.org/10.1177/1059840518824395>
- Kopecký, K., & Szotkowski, R. (2017). Specifics of cyberbullying of teachers in czech schools - a national research. *Informatics in Education*, 16(1), 103–119. <https://doi.org/10.15388/infedu.2017.06>
- Kowalski, R. M., Dillon, E., Macbeth, J., Franchi, M., & Bush, M. (2020). Racial differences in cyberbullying from the perspective of victims and perpetrators. *American Journal of Orthopsychiatry*, 90(5), 644–652. <https://doi.org/10.1037/ort0000492>
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>
- Krueger, E. A., Barrington-Trimis, J. L., Unger, J. B., & Leventhal, A. M. (2021). Sexual and gender minority young adult coping disparities during the COVID-19 pandemic. *Journal of Adolescent Health*, 69(5), 746-753. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.07.021>
- Kuehn, K. S., Wagner, A., & Velloza, J. (2019). Estimating the Magnitude of the Relation between Bullying, E-Bullying, and Suicidal Behaviors among United States Youth, 2015. *Crisis*, 40(3), 157–165. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000544>
- Kwon M, Kim D-J, Cho H, Yang S (2013) The Smartphone Addiction Scale: Development and Validation of a Short Version for Adolescents. *PLoS ONE* 8(12): e83558. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0083558>
- Lago, A. C. D. M. P., & da Motta, I. D. (2021). Mediação escolar on-line: instrumento da política pública nacional de combate e prevenção ao cyberbullying em tempos de pandemia. *Meritum, Revista de Direito da Universidade FUMEC*. <https://doi.org/10.46560/meritum.v16i4.8657>

- Lam, S., Ferlatte, O., & Salway, T. (2019). Cyberbullying and health: A preliminary investigation of the experiences of Canadian gay and bisexual adult men. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 31(3), 332–357.
<https://doi.org/10.1080/10538720.2019.1596860>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer publishing company.
- Lee, C. S., O'Connor, B. M., Todorova, I., Nicholls, M. E., & Colby, S. M. (2021). Structural racism and reflections from Latinx heavy drinkers: Impact on mental health and alcohol use. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 127(December 2020), 108352.
<https://doi.org/10.1016/j.jsat.2021.108352>
- Lee, J.-I., Yen, C.-F., Hsiao, R. C., & Hu, H.-F. (2019). Relationships of homophobic bullying during childhood and adolescence with problematic internet and smartphone use in early adulthood among sexual minority men in Taiwan. *Revista de Psiquiatria Clinica*, 46(4), 97–102. <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000203>
- Li, D. J., Chang, Y. P., Chen, Y. L., & Yen, C. F. (2020). The impact of emotional symptoms and family support on the association between homophobic bullying and sedative/hypnotic use among gay and bisexual men in Taiwan: A moderated mediation model. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(11), 1–10. <https://doi.org/10.3390/ijerph17113870>
- Li, D.-J., Chen, S.-L., & Yen, C.-F. (2019). Multi-Dimensional Factors Associated with Illegal Substance Use Among Gay and Bisexual Men in Taiwan. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(22).
<https://doi.org/10.3390/ijerph16224476>
- Lin, L., Liu, J., Cao, X., Wen, S., Xu, J., Xue, Z., & Lu, J. (2020). Internet addiction mediates the association between cyber victimization and psychological and physical symptoms:moderation by physical exercise. *BMC Psychiatry*, 20(1), 1–8.
<https://doi.org/10.1186/s12888-020-02548-6>
- Lionço, T., Coacci, T., & Carvalho, M. F. de L. (2018). 40 anos da história do movimento LGBT no Brasil: memórias, desafios atuais e novas perspectivas - entrevista com Marco

- José de Oliveira Duarte. *Revista Brasileira de Estudos Da Homocultura*, 1(4), 217–230.
<https://doi.org/10.31560/2595-3206.2018.4.9208>
- Liu, C., Liu, Z., & Yuan, G. (2020). The longitudinal influence of cyberbullying victimization on depression and posttraumatic stress symptoms: The mediation role of rumination. *Archives of Psychiatric Nursing*.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.apnu.2020.05.002>
- Lopes, H. P., & Gonçalves, A. M. (2018). A política nacional de redução de danos : do paradigma da abstinência às ações de liberdade The national harm reduction policy : from the paradigm of abstinence the actions of freedom La política nacional de reducción de daños : de las acciones de liberta. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(1), 1–15.
- Luk, J. W., Gilman, S. E., Haynie, D. L., & Simons-Morton, B. G. (2018). Sexual Orientation and Depressive Symptoms in Adolescents. *Pediatrics*, 141(5).
<https://doi.org/10.1542/peds.2017-3309>
- Luk, J. W., Gilman, S. E., Sita, K. R., Cheng, C., Haynie, D. L., & Simons-Morton, B. G. (2019). Cyber Behaviors Among Heterosexual and Sexual Minority Youth: Subgroup Differences and Associations with Health Indicators. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 22(5), 315–324. <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0408>
- Lund, E. M., & Ross, S. W. (2021). Retrospective and Current Peer Victimization in College Students with Disabilities: Examining the Intersectionality of Sexual Orientation and Gender. *Sexuality and Disability*, 1–15. <https://doi.org/10.1007/s11195-020-09669-6>
- Madruga, C. S., Laranjeira, R., Caetano, R., Pinsky, I., Zaleski, M., & Ferri, C. P. (2012). Use of licit and illicit substances among adolescents in Brazil - A national survey. *Addictive Behaviors*, 37(10), 1171-1175. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2012.05.008>
- Mallmann, C. L., de Macedo Lisboa, C. S., & Zanatta Calza, T. (2018). Cyberbullying e estratégias de coping em adolescentes do sul do Brasil. *Acta Colombiana de Psicología*, 21(1), 34–43. <https://doi.org/10.14718/acp.2018.21.1.2>
- Marciano, A., & Antebi-Gruszka, N. (2020). Offline and online discrimination and mental distress among lesbian, gay, and bisexual individuals: the moderating effect of LGBTQ

- facebook use. *Media Psychology*, 27-50.
<https://doi.org/10.1080/15213269.2020.1850295>
- Matos, A. P. M., Vieira, C. C., Amado, J., Pessoa, T., & Martins, M. J. D. (2018). Cyberbullying in Portuguese Schools: Prevalence and Characteristics. *Journal of School Violence*, 17(1), 123–137. <https://doi.org/10.1080/15388220.2016.1263796>
- McConnell, E. A., Clifford, A., Korpak, A. K., Phillips II, G., & Birkett, M. (2017). Identity, victimization, and support: Facebook experiences and mental health among LGBTQ youth. *Computers in Human Behavior*, 76, 237-244.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.07.026>
- Medeiros, M. P. de, & Zanello, V. (2018). Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: análise das políticas públicas - The relationship between violence and mental health of women in Brazil: an analysis of public policies TT - Relación entre la violencia y la salud men. *Estud. Pesqui. Psicol. (Impr.)*, 18(1), 384–403.
- Meyer, I. H. (2003). Serving our youth 2015: The needs and experiences of lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning youth experiencing homelessness. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <http://dx.doi.org/10.1016/S1473>
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, 36(1), 38–56. <https://doi.org/10.2307/2137286>
- McCabe, S. E., Hughes, T. L., West, B. T., Evans-Polce, R., Veliz, P., Dickinson, K., ... Boyd, C. J. (2020). Associations Among Childhood Household Dysfunction, Sexual Orientation, and DSM-5 Alcohol, Tobacco and Other Substance Use Disorders in Adulthood: Evidence From a National U.S. Survey. *Journal of Addiction Medicine*, 14(5), e211–e219. <https://doi.org/10.1097/ADM.0000000000000641>
- McHugh, B. C., Wisniewski, P., Rosson, M. B., & Carroll, J. M. (2018). When social media traumatizes teens: The roles of online risk exposure, coping, and post-traumatic stress. *Internet Research*, 28(5), 1169–1188. <https://doi.org/10.1108/IntR-02-2017-0077>
- McLoughlin, L. T. (2019). Understanding and measuring coping with cyberbullying in adolescents: exploratory factor analysis of the brief coping orientation to problems experienced inventory. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00378-8>

- McLoughlin, L., Spears, B., & Taddeo, C. (2018). The importance of social connection for cybervictims: How connectedness and technology could promote mental health and wellbeing in young people. *International Journal of Emotional Education*.
- Mereish, E. H., Sheskier, M., Hawthorne, D., & Goldbach, J. T. (2019). Sexual Orientation Disparities in Mental Health and Substance Use among Black American Young People in the U.S.A.: Effects of Cyber and Bias-Based Victimization. *Culture, Health & Sexuality*, 21(9), 985–998. <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1532113>
- Mitchell, S. M., Seegan, P. L., Roush, J. F., Brown, S. L., Sustaíta, M. A., & Cukrowicz, K. C. (2018). Retrospective Cyberbullying and Suicide Ideation: The Mediating Roles of Depressive Symptoms, Perceived Burdensomeness, and Thwarted Belongingness. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(16), 2602–2620. <https://doi.org/10.1177/0886260516628291>
- Mishna, F., Sanders, J. E., McNeil, S., Fearing, G., & Kalenteridis, K. (2020). “If Somebody is Different”: A critical analysis of parent, teacher and student perspectives on bullying and cyberbullying. *Children and Youth Services Review*, 118(April), 105366. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105366>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group*. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Annals of internal medicine*, 151(4), 264-269. <https://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>
- Monin, J. K., Mota, N., Levy, B., Pachankis, J., & Pietrzak, R. H. (2017). Older Age Associated with Mental Health Resiliency in Sexual Minority US Veterans. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, 25(1), 81–90. <https://doi.org/10.1016/j.jagp.2016.09.006>
- Moran, T. E., Chen, C. Y.-C., & Tryon, G. S. (2018). Bully victimization, depression, and the role of protective factors among college LGBTQ students. *Journal of Community Psychology*, 46(7), 871–884. <https://doi.org/10.1002/jcop.21978>
- Nações Unidas Brasil. (2021, fevereiro 3). Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA. *Nações Unidas*

Brasil. Recuperado em fevereiro 2, 2022 em <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>

Navarro, R., Larrañaga, E., & Yubero, S. (2018). Differences between Preadolescent Victims and Non-Victims of Cyberbullying in Cyber-Relationship Motives and Coping Strategies for Handling Problems with Peers. *Current Psychology* (Vol. 37).
<https://doi.org/10.1007/s12144-016-9495-2>

Nazaré, M. P. B. de. (2013) *Ação "pela" e "na" internet: impactos dos usos das novas tecnologias de comunicação e informação nas ações políticas do movimento LGBT brasileiro*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá]

Niclewicz, M. (2021, junho 28) Preconceito matou mais de 5 mil LGBTQIA+ em 20 anos, diz estudo. *CNN Brasil*. Recuperado em fevereiro 2, 2022, em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/preconceito-matou-mais-de-5-mil-lgbtqia-em-20-anos-diz-estudo/>

Olatunji, O. A., Idemudia, E. S., & Olawa, B. D. (2020). Family support, self-efficacy and suicidal ideation at emerging adulthood: a mediation analysis. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 920–931.
<https://doi.org/10.1080/02673843.2020.1779762>

Opara, I., Assan, M. A., Pierre, K., Gunn III, J. F., Metzger, I., Hamilton, J., & Arugu, E. (2020). Suicide among Black Children: An Integrated Model of the Interpersonal-Psychological Theory of Suicide and Intersectionality Theory for Researchers and Clinicians. *Journal of Black Studies*, 51(6), 611–631.
<https://doi.org/10.1177/0021934720935641>

Orbach, I., Milstein, I., Har-Even, D., Apter, A., Tiano, S., & Elizur, A. (1991). A Multi-Attitude Suicide Tendency Scale for adolescents. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3(3), 398.

Palladino, B. E., Nocentini, A., & Menesini, E. (2015). Psychometric properties of the Florence cyberbullying-cybervictimization scales. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 112-119.

- Paveltchuk, F. de O., & Borsa, J. C. (2020). A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Rev. SPAGESP*, 21(2), 41–54.
- Paveltchuk, F. de O, Borsa, J. C., & Damásio, B. F. (2020). Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. *Psico-USF*, 25(3), 403–414. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250301>
- Peláez-Fernández, M. A., Chamizo-Nieto, M. T., Rey, L., & Extremera, N. (2021). How do cyber victimization and low core self-evaluations interrelate in predicting adolescent problematic technology use? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(6), 1–12. <https://doi.org/10.3390/ijerph18063114>
- Peled, Y. (2019). Cyberbullying and its influence on academic, social, and emotional development of undergraduate students. *Heliyon*, 5(3). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e01393>
- Pellicane, M. J., & Ciesla, J. A. (2022). Temporal trends in rates of depression, anxiety, and suicidality among cisgender sexual minority and heterosexual college students. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity. Advance online publication*. <https://doi.org/10.1037/sgd0000563>
- Peng, Z., Klomek, A. B., Li, L., Su, X., Sillanmäki, L., Chudal, R., & Sourander, A. (2019). Associations between Chinese adolescents subjected to traditional and cyber bullying and suicidal ideation, self-harm and suicide attempts. *BMC Psychiatry*, 19(1), 1–8. <https://doi.org/10.1186/s12888-019-2319-9>
- Peng, C., Hu, W., Yuan, S., Xiang, J., Kang, C., Wang, M., ... Yu, Y. (2020). Self-Harm, Suicidal Ideation, and Suicide Attempts in Chinese Adolescents Involved in Different Sub-types of Bullying: A Cross-Sectional Study. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.565364>
- Pereira, A. D. A., & Vianna, P. C. D. M. (2013). *Saúde mental*.
- Pistella, J., Ioverno, S., & Russell, S. T. (2019). The role of peer victimization, sexual identity, and gender on unhealthy weight control behaviors in a representative sample of

- Texas youth. *International journal of eating disorders*, 52(5), 597-601.
<https://doi.org/10.1002/eat.23055>
- Qonitatulhaq, S., Astin, N., & Sarinastiti, W. (2019). Creative Media for Cyberbullying Education. IES 2019 - International Electronics Symposium: The Role of Techno-Intelligence in Creating an Open Energy System Towards Energy Democracy, *Proceedings*, 622–627. <https://doi.org/10.1109/ELECSYM.2019.8901646>
- Ramsey, J. L., DiLalla, L. F., & McCrary, M. K. (2016). Cyber victimization and depressive symptoms in sexual minority college students. *Journal of school violence*, 15(4), 483-502. <https://doi.org/10.1080/15388220.2015.1100116>
- Ranney, M. L., Pittman, S. K., Riese, A., Koehler, C., Ybarra, M. L., Cunningham, R. M., ... Rosen, R. K. (2020). What Counts?: A Qualitative Study of Adolescents' Lived Experience With Online Victimization and Cyberbullying. *Academic Pediatrics*, 20(4), 485–492. <https://doi.org/10.1016/j.acap.2019.11.001>
- Raskauskas, J., & Huynh, A. (2015). The process of coping with cyberbullying: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 23, 118-125.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.019>
- Rentería, R., Benjet, C., Gutierrez-Garcia, R. A., Ábrego Ramírez, A., Albor, Y., Borges, G., ... Mortier, P. (2021). Suicide thought and behaviors, non-suicidal self-injury, and perceived life stress among sexual minority Mexican college students. *Journal of Affective Disorders*, 281(October), 891–898. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.11.038>
- Richardson, S. C., Hales, T., Meehan, E., & Waters, A. (2020). Sexual minorities and teen suicide attempts in a southeastern state with prominent exclusionary policies. *Death Studies*, 1–6. <https://doi.org/10.1080/07481187.2020.1744202>
- Rodelli, M., De Bourdeaudhuij, I., Dumon, E., Portzky, G., & DeSmet, A. (2018). Which healthy lifestyle factors are associated with a lower risk of suicidal ideation among adolescents faced with cyberbullying? *Preventive Medicine*, 113, 32–40.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2018.05.002>

- Ronis, S., & Slaunwhite, A. (2019). Gender and Geographic Predictors of Cyberbullying Victimization, Perpetration, and Coping Modalities Among Youth. *Canadian Journal of School Psychology*. <https://doi.org/10.1177/0829573517734029>
- Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Samper-García, P., Mestre-Escrivá, V., Malonda, E., & Mesurado, B. (2015). Victimization en la escuela: Relación de la crianza y variables funcionales-disfuncionales del desarrollo. *Anales de Psicología*, 31(3), 849–858. <https://doi.org/10.6018/analesps.31.3.173291>
- Schulman, J. K., & Erickson-Schroth, L. (2019). Mental Health in Sexual Minority and Transgender Women. *Medical Clinics of North America*, 103(4), 723–733. <https://doi.org/10.1016/j.mcna.2019.02.005>
- Silva, M. R., & Jacobo, J. (2020). Global South Perspectives on Stonewall after 50 Years, Part I—South by South, Trans for Trans. *Contexto Internacional*, 42(3), 665–683. <https://doi.org/10.1590/s0102-8529.2019420300007>
- Sittichai, R., & Smith, P. K. (2018). Bullying and cyberbullying in Thailand: Coping strategies and relation to age, gender, religion and victim status. *Journal of New Approaches in Educational Research*. <https://doi.org/10.7821/naer.2018.1.254>
- Souza, S. B., Simão, A. M. V., da Costa Ferreira, P., Paulino, P., & Francisco, S. M. (2016). O cyberbullying em contexto universitário do Brasil e Portugal: vitimização, emoções associadas e estratégias de enfrentamento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 1674-1691. <https://doi.org/10.21723/riaee.v11.n.esp3.9067>
- Stoll, L. C., & Block, R. (2015). Intersectionality and cyberbullying: A study of cybervictimization in a Midwestern high school. *Computers in Human Behavior*, 52, 387–397. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.010>
- Sun, S., Budge, S., Shen, W., Xu, G., Liu, M., & Feng, S. (2020). Minority stress and health: A grounded theory exploration among men who have sex with men in China and

- implications for health research and interventions. *Social Science and Medicine*, 252(December 2019). <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.112917>
- Tassitano, R. M., Cabral, P. C., & Silva, G. A. P. D. (2014). Validation of psychosocial scales for change in the consumption of fruits and vegetables. *Cadernos de Saúde Pública*, 30(2), 272-282. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049005465>
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
- Trujillo, O., Cantu, J. I., & Charak, R. (2020). Unique and Cumulative Effects of Intimate Partner Cybervictimization Types on Alcohol Use in Lesbian, Gay, and Bisexual Emerging Adults. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(11), 743–751. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0773>
- Urbina-Garcia, A. (2020). What do we know about university academics' mental health? A systematic literature review. *Stress and Health*, 36(5), 563–585. <https://doi.org/10.1002/smi.2956>
- Vieira, V. A. (2009). Moderação, mediação, moderadora-mediadora e efeitos indiretos em modelagem de equações estruturais: uma aplicação no modelo de desconfirmação de expectativas. *Revista de Administração-RAUSP*, 44(1), 17-33.
- Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. *Journal of affective disorders*, 155, 104-109.
- Viner, R. M., Aswathikutty-Gireesh, A., Stiglic, N., Hudson, L. D., Goddings, A. L., Ward, J. L., & Nicholls, D. E. (2019). Roles of cyberbullying, sleep, and physical activity in mediating the effects of social media use on mental health and wellbeing among young people in England: a secondary analysis of longitudinal data. *The Lancet Child and Adolescent Health*, 3(10), 685–696. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(19\)30186-5](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(19)30186-5)

- Walukevich-Dienst, K., Dylanne Twitty, T., & Buckner, J. D. (2019). Sexual minority women and Cannabis use: The serial impact of PTSD symptom severity and coping motives. *Addictive Behaviors*, 92(July 2018), 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.12.012>
- Wang, C.-C., Lin, H.-C., Chen, M.-H., Ko, N.-Y., Chang, Y.-P., & Lin, I.-M. (2018). Effects of traditional and cyber homophobic bullying in childhood on depression, anxiety, and physical pain in emerging adulthood and the moderating effects of social support among gay and bisexual men in Taiwan. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 1309–1317. <https://doi.org/10.2147/NDT.S164579>
- Wang, C.-C., Hsiao, R. C., & Yen, C.-F. (2019). Victimization of Traditional and Cyber Bullying During Childhood and Their Correlates Among Adult Gay and Bisexual Men in Taiwan: A Retrospective Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(23). <https://doi.org/10.3390/ijerph16234634>
- Webb, L., Clary, L. K., Johnson, R. M., & Mendelson, T. (2020). Electronic and School Bullying Victimization by Race/Ethnicity and Sexual Minority Status in a Nationally Representative Adolescent Sample. *Journal of Adolescent Health*. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.05.042>
- Wolford-Clevenger, C., Flores, L. Y., Bierma, S., Cropsey, K. L., & Stuart, G. L. (2021). Minority stress and drug use among transgender and gender diverse adults: A daily diary study. *Drug and Alcohol Dependence*, 220, 108508. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.108508>
- Worsley, J. D., McIntyre, J. C., & Corcoran, R. (2019). Cyberbullying victimisation and mental distress: testing the moderating role of attachment security, social support, and coping styles. *Emotional and Behavioural Difficulties*, 24(1), 20–35. <https://doi.org/10.1080/13632752.2018.1530497>
- Wright, M. F., Yanagida, T., Macháčková, H., Dědková, L., Ševčíková, A., Aoyama, I., ... Shu, C. (2018). Face-to-face and Cyber Victimization among Adolescents in Six Countries: The Interaction between Attributions and Coping Strategies. *Journal of Child and Adolescent Trauma*, 11(1), 99–112. <https://doi.org/10.1007/s40653-018-0210-3>

- Wright, M. F. (2016). Cybervictims' emotional responses, attributions, and coping strategies for cyber victimization: A qualitative approach. *Safer Communities*, 15(3), 160–169. <https://doi.org/10.1108/SC-03-2016-0006>
- Wright, M. F., & Wachs, S. (2020). Parental Support, Health, and Cyberbullying among Adolescents with Intellectual and Developmental Disabilities. *Journal of Child and Family Studies*, 29(9), 2390–2401. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01739-9>
- Wright, M. F. (2017). Cyber Victimization and Depression Among Adolescents With Intellectual Disabilities and Developmental Disorders: The Moderation of Perceived Social Support. *Journal of Mental Health Research in Intellectual Disabilities*, 10(2), 126–143. <https://doi.org/10.1080/19315864.2016.1271486>

ANEXOS

Escala Florence de Cyber Agressão - Cyber vitimização

Dizemos que um menino(a) sofre *bullying* quando outro menino(a) ou um grupo de meninos(as):

- Dizem a ele(a) coisas ruins e desprezáveis ou gozam dele(a) ou o(a) ofendem;
- Ignoram ou excluem ele(a) completamente do seu grupo, ou não o(a) convidam de forma proposital;
- Golpeiam, chutam, empurram ou ameaçam ele(a);
- Mentem sobre ele(a), criam boatos ou enviam recados com ofensas e palavrões;
- Ninguém fala mais com ele(a) e outras coisas deste tipo.

Estes fatos podem acontecer frequentemente, e quem sofre esses abusos de poder dificilmente consegue se defender. Tratam-se sempre de abusos de poder, mesmo quando gozam dele/dela repetidamente e com ruindade. Não se trata de abuso de poder quando dois/duas meninos/as, que têm a mesma força, brigam entre eles/elas ou lutam.

A seguir você encontrará algumas perguntas que se referem a uma nova forma de bullying: o cyberbullying. As perguntas se referem à sua vida **NOS ÚLTIMOS 2 a 3 MESES**. Ao responder, tente pensar no período de tempo completo e não apenas no agora.

O cyberbullying é um comportamento agressivo e de abuso realizado através de uma ferramenta eletrônica ou pela internet, como por exemplo: mensagem de texto, e-mail, blog, redes sociais (como Facebook, Twitter, WhatsApp etc).

Questionário 1: De que forma você sofreu cyberbullying **NOS ÚLTIMOS 3 MESES**? Indique com que frequência aconteceu, marcando com um **X** uma das possíveis respostas;

1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana

NOS ÚLTIMOS 2 a 3 MESES QUANTAS VEZES ACONTECEU DE VOCÊ?

Questões	1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana
1. Receber vídeos /fotos/imagens constrangedoras ou íntimas através do celular.					
2. Receber vídeos /fotos/imagens de assaltos e violências na internet (sites, chat, blog, redes sociais).					
3. Receber vídeos /fotos/imagens de situações constrangedoras ou íntimas na internet (sites, chat, blog, redes sociais).					
4. De alguém manipular informações de material pessoal seu e depois reutilizá-lo.					

5. Ter sido ignorado(a) de forma intencional em grupos online (sites, chat, redes sociais).					
6. De alguém ter conseguido e utilizado, sob falsa identidade, sua senha e sua conta (e-mail, redes sociais).					
7. De ter sido excluído ou deixado de fora de grupos online (sites, chat, redes sociais).					
8. De alguém ter conseguido e utilizado, sob falsa identidade, a senha do seu celular.					
9. De alguém ter lhe bloqueado no chat, no WhatsApp ou nas redes sociais para lhe excluir do grupo.					

Questionário 2: De que forma você praticou atos de cyberbullying nos **ÚLTIMOS 2-3 MESES**?

Indique com que frequência aconteceu, marcando com um **X** umas das possíveis respostas.

1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana

NOS ÚLTIMOS 2 A 3 MESES QUANTAS VEZES ACONTECEU DE VOCÊ:

Questões	1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana
1- Enviar vídeos /fotos/imagens constrangedoras ou íntimas através do celular.					
2- Enviar vídeos /fotos/imagens de assaltos e violências na internet (sites, chat, blog, redes sociais).					
3- Enviar vídeos /fotos/imagens de situações constrangedoras ou íntimas na internet (sites, chat, blog, redes sociais).					
4- Manipular material pessoal e privado de alguém e depois reutilizá-lo.					
5- Ignorar alguém de forma intencional em grupos online (sites, chat, redes sociais).					
6- Conseguir e utilizar, sob falsa identidade, a senha da conta de e-mail de alguém.					
7- Excluir ou deixar de fora alguém de grupos online (sites, chat, redes sociais).					
8- Conseguir e utilizar, sob falsa identidade, a senha do celular de alguém.					
9- Bloquear alguém no chat, no WhatsApp ou nas redes sociais para excluí-lo do grupo.					

DASS – 21

INSTRUÇÕES: As seguintes afirmações descrevem experiências que podem fazer parte do seu cotidiano. Indique o quão você está de acordo utilizando a seguinte escala:

0	1	2	3			
Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente			
1. Tive dificuldade em acalmar-me.			0	1	2	3
2. Estava consciente de que minha boca estava seca.			0	1	2	3
3. Parecia não conseguir ter nenhum sentimento positivo.			0	1	2	3
4. Senti dificuldade em respirar (ex. respiração excessivamente rápida, falta de ar, na ausência de esforço físico).			0	1	2	3
5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer as coisas.			0	1	2	3
6. Tive a tendência de reagir de forma exagerada a situações.			0	1	2	3
7. Senti tremores (ex.: nas mãos).			0	1	2	3
8. Senti que estava geralmente muito nervoso.			0	1	2	3
9. Preocupe-me com situações em que eu pudesse entrar em pânico e parecer ridículo(a).			0	1	2	3
10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro.			0	1	2	3
11. Senti que estava agitado.			0	1	2	3
12. Tive dificuldade em relaxar.			0	1	2	3
13. Senti-me desanimado e deprimido.			0	1	2	3
14. Fui intolerante com as coisas que me impediam de continuar o que eu estava fazendo.			0	1	2	3
15. Senti que ia entrar em pânico.			0	1	2	3
16. Não consegui me entusiasmar com nada.			0	1	2	3
17. Senti que não tinha muito valor como pessoa.			0	1	2	3
18. Senti que estava sensível.			0	1	2	3
19. Eu estava consciente do funcionamento/batimento do meu coração na ausência de esforço físico (ex.: sensação de aumento da frequência cardíaca, disritmia cardíaca).			0	1	2	3
20. Senti-me assustado sem ter uma boa razão.			0	1	2	3
21. Senti que a vida estava sem sentido.			0	1	2	3

Escala de apoio social (MOS-SSS)

Com que frequência você dispõe de cada um dos tipos de apoio quando precisa?

		Nunca	Rara-mente	Às vezes	Quase sempre	Sempre
1	Alguém que o ajude, caso esteja de cama.	1	2	3	4	5
2	Alguém com quem falar quando precise.	1	2	3	4	5
3	Alguém que lhe dê conselhos se tiver problemas.	1	2	3	4	5
4	Alguém que o leve ao médico quando precise.	1	2	3	4	5
5	Alguém que lhe dê sinais de carinhos, amor ou afetos.	1	2	3	4	5
6	Alguém com quem passar um bom bocado de tempo.	1	2	3	4	5
7	Alguém que lhe dê uma informação e o ajude a entender uma situação.	1	2	3	4	5
8	Alguém em quem confiar ou com quem falar de si próprio e das suas preocupações.	1	2	3	4	5
9	Alguém que lhe dê um abraço.	1	2	3	4	5
10	Alguém com quem poder relaxar.	1	2	3	4	5
11	Alguém para preparar as suas refeições se não as puder fazê-la.	1	2	3	4	5
12	Alguém cujo conselho deseje.	1	2	3	4	5
13	Alguém com quem fazer coisas que o ajudem a esquecer os seus problemas.	1	2	3	4	5
14	Alguém que o ajude nas tarefas diárias se ficar doente.	1	2	3	4	5
15	Alguém com quem falar dos seus medos e problemas mais íntimos.	1	2	3	4	5
16	Alguém que lhe dê conselhos para ajudar a resolver os seus problemas pessoais.	1	2	3	4	5
17	Alguém para se divertir.	1	2	3	4	5
18	Alguém que compreenda seus problemas.	1	2	3	4	5
19	Alguém a quem amar e que te faça sentir-se querido.	1	2	3	4	5

Escala psicossocial para atividade física (PACE) – Fator de autoeficácia

Existem muitas coisas que podem dificultar a prática de atividade física. Marque QUÃO SEGURO você está de que praticaria atividade física em cada uma das situações abaixo.

1 Tenho certeza que não	2 Provavelmente não	3 Indiferente/Neutro	4 Provavelmente sim	5 Tenho certeza que sim
-------------------------------	---------------------------	-------------------------	---------------------------	-------------------------------

1- Praticaria atividade física se estivesse estressado(a)?	1	2	3	4	5
2- Reservaria tempo para a prática de atividade física na maioria dos dias da semana?	1	2	3	4	5
3- Praticaria atividade física mesmo quando sua família ou seus amigos querem que você faça outra coisa?	1	2	3	4	5
4- Acordaria cedo, mesmo nos fins de semana, para praticar atividade física?	1	2	3	4	5
5- Praticaria atividade física mesmo quando você tem muita lição de casa?	1	2	3	4	5
6- Praticaria atividade física mesmo quando está chovendo ou muito quente?	1	2	3	4	5

Escala Multi-attitudinal de Tendência ao Suicídio (EMTS)

Instruções: A seguir, encontra-se uma lista de afirmações sobre a vida e a morte. Não existem respostas certas ou erradas, apenas gostaríamos de saber a sua opinião, o quanto você concorda ou discorda com cada afirmação.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. Sinto-me feliz a maior parte do tempo.	1	2	3	4	5
02. Temo a morte por que toda minha atividade mental e espiritual vai cessar.	1	2	3	4	5
03. Embora as coisas pareçam difíceis, às vezes acho que vale a pena viver.	1	2	3	4	5
04. Pensar na morte me dá calafrios (me faz tremer).	1	2	3	4	5
05. Acho que não sou importante para minha família.	1	2	3	4	5
06. A morte pode ser um estado de repouso e calma.	1	2	3	4	5
07. Às vezes sinto que meus problemas não podem ser resolvidos.	1	2	3	4	5
08. A morte pode mudar as coisas para melhor.	1	2	3	4	5
09. Gosto de fazer muitas coisas.	1	2	3	4	5
10. O pensamento de que um dia vou morrer me assusta.	1	2	3	4	5
11. Não gosto de passar o tempo com a minha família.	1	2	3	4	5
12. Muitos problemas só podem ser resolvidos com a morte.	1	2	3	4	5
13. Acredito que a morte pode trazer um grande alívio ao sofrimento.	1	2	3	4	5
14. Tenho medo da morte por que todos os meus planos se acabarão.	1	2	3	4	5
15. Eu sou uma pessoa muito esperançosa.	1	2	3	4	5
16. Em algumas situações é melhor morrer do que continuar vivendo.	1	2	3	4	5
17. Às vezes sinto que minha família vai estar melhor sem mim.	1	2	3	4	5
18. Gosto de muitas coisas na vida.	1	2	3	4	5
19. A morte me assusta mais do que qualquer outra coisa.	1	2	3	4	5
20. Ninguém me ama de verdade.	1	2	3	4	5

Escala de dependência de smartphone, versão reduzida (SAS-SV)

INSTRUÇÕES: Por favor, assinale qual das afirmações abaixo de uma escala de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente) se aplica ao seu uso de celular.

1	2	3	4	5	6
Discordo Totalmente	Discordo	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo	Concordo totalmente

1. Deixo de fazer tarefas ou trabalhos planejados devido ao uso do celular.	1	2	3	4	5	6
2. Tenho dificuldade para me concentrar na aula, nas lições de casa ou no trabalho devido ao uso do celular.	1	2	3	4	5	6
3. Sinto dor nos punhos ou pescoço enquanto uso o celular.	1	2	3	4	5	6
4. Não há nada mais difícil do que ficar sem meu celular.	1	2	3	4	5	6
5. Eu fico impaciente e irritado quando estou sem meu celular.	1	2	3	4	5	6
6. Fico pensando no meu celular mesmo quando não o estou usando.	1	2	3	4	5	6
7. Eu nunca vou deixar de usar meu celular, mesmo se este uso cause problemas ou efeitos negativos na minha vida.	1	2	3	4	5	6
8. Tenho que checar constantemente meu celular para não perder as publicações nas redes sociais (WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram, por exemplo).	1	2	3	4	5	6
9. Uso meu celular por mais tempo que pretendia.	1	2	3	4	5	6
10. As pessoas à minha volta me dizem que uso excessivamente o celular.	1	2	3	4	5	6

Itens relativos ao uso de substâncias

Indique com que frequência você fez uso dessas substâncias no último mês. 1 = Nunca; 5 = Sempre.

1. Com que frequência você fez uso de bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados etc) este mês?	1	2	3	4	5
2. Com que frequência você fez uso de tabaco (cigarro, charuto, cachimbo, etc) este mês?	1	2	3	4	5
3. Com que frequência você fez uso maconha este mês?	1	2	3	4	5
4. Com que frequência você fez uso LSD, ecstasy ou outras substâncias ilícitas este mês?	1	2	3	4	5

Agora indique se você considera se tem uma relação problemática com as substâncias citadas. 1 = Não se aplica de maneira alguma e o 5 = aplica-se muito.

1. Considero que tenho uma relação problemática/inadequada com bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados etc).	1	2	3	4	5
2. Considero que tenho uma relação problemática/inadequada com derivados do tabaco (cigarro, charuto, cachimbo etc).	1	2	3	4	5
3. Considero que tenho uma relação problemática/inadequada com maconha (baseado, erva etc).	1	2	3	4	5
4. Considero que tenho uma relação problemática/inadequada com o LSD, ecstasy ou outras substâncias ilícitas.	1	2	3	4	5

Questionário sociodemográfico (LGBTQIAP+)

1. Qual sua idade?
2. A qual letra (grupo) da sigla LGBTQIAP+ você pertence?
L (Lésbicas)
G (Gays)
B (Bissexuais)
T (Transexuais ou transgêneros)
Q (Queer)
I (Intersexuais ou não-binários)
A (Assexuais)
P (Pansexuais)
Outros
3. Você é LGBTQIAP+ assumidamente? (Está fora do armário?)
Sim () Não ()
4. Qual seu gênero?
Feminino () Masculino () Outro ()
5. Estado civil
Solteiro(a) () Casado(a) () Divorciado(a) () Viúvo () Em um relacionamento estável ()
Outro ()
6. Em qual estado do Brasil você nasceu? Responda em siglas (ex. PB, SP, MT)
7. Raça/etnia
Branca () Preta () Pardo/Mestiço () Amarela () Indígena () Outro () Não sabe ()
8. Escolaridade
Ensino fundamental completo () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo ()
9. Qual seu *status* socioeconômico?
Classe baixa () Classe média baixa () Classe média () Classe média alta () Classe alta
10. Religião
Católico (a) () Protestante () Espírita () Religião de matriz africana () Sem religião ()
Outro ()
11. Agora levando em conta sua vivência na escola (ensino fundamental e médio)... Você considera que sofreu BULLYING nessa época da vida?
Sim () Não ()
12. Você considera que sofreu CYBERBULLYING nessa época da vida?
Sim () Não ()

Questionário sociodemográfico (Heterossexuais)

1. Qual sua idade?
2. Qual seu gênero?
Feminino () Masculino () Outro ()
3. Estado civil
Solteiro(a) () Casado(a) () Divorciado(a) () Viúvo () Em um relacionamento estável ()
Outro ()
4. Em qual estado do Brasil você nasceu? Responda em siglas (ex. PB, SP, MT)
5. Raça/etnia
Branca () Preta () Pardo/Mestiço () Amarela () Indígena () Outro () Não sabe ()
6. Escolaridade
Ensino fundamental completo () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto
() Ensino superior completo ()
7. Qual seu status socioeconômico?
Classe baixa () Classe média baixa () Classe média () Classe média alta () Classe alta
8. Religião
Católico (a) () Protestante () Espírita () Religião de matriz africana () Sem religião ()
Outro ()
9. Agora levando em conta sua vivência na escola (ensino fundamental e médio)... Você considera que sofreu BULLYING nessa época da vida?
Sim () Não ()
10. Você considera que sofreu CYBERBULLYING nessa época da vida?
Sim () Não ()